

UM HOMEM ENVIADO DE DEUS - 1ª PARTE

00 - 00 - 0000

INDEFINIDO

Tradução - GO

1 INTRODUÇÃO

A história da vida de William Branham é tão fora deste mundo e tão distante do comum que se não houvesse sido por uma infinidade de documentos que provam sua veracidade e autenticidade, seria escusável se alguém a considerasse incrível.

2 Porém são tão conhecidos os fatos e de tal natureza, que podem ser verificados por qualquer um que sinceramente se disponha a investigá-los. Estes documentos são testemunhas da vontade e propósito de que Deus quis revelar-se novamente ao homem, como o fez nos tempos dos apóstolos e profetas.

3 A história da vida deste profeta - e sem dúvida que ele é um profeta, ainda que esta palavra não seja muito usada por nós - certamente testifica que os tempos bíblicos estão aqui novamente.

4 O escritor é consciente de sua escassa preparação literária para descrever propriamente este ministério, não obstante haver sido ajudado grandemente devido a que grande parte da história é narrada nas próprias palavras do irmão Branham.

5 O estilo do irmão Branham é claro e simples e possui em si um encanto próprio e único. Mesmo que ele não se jactancie de ter alguma preparação acadêmica, seu estilo, apesar de tosco as vezes, sempre é dramático e tem distinção própria.

6 Conhecer ao irmão Branham, é amar-lhe. Sua natureza é terna e compassiva e suas sensibilidades reagem profundamente ante aos sofrimentos e aflições dos demais. Tanta tem sido sua compaixão pelos enfermos e aflitos que muitas vezes tem permitido que sua saúde sofra enquanto ministra por horas nas filas de oração pelos enfermos. Por um tempo a carga de um mundo agonizante esteve sobre seus ombros, até que Deus lhe fez ver que esta responsabilidade ele devia reparti-la com outros.

7 Desde seu regresso ao ministério, ele tem estado de acordo com o conselho dos que laboram com ele, e de não ir além do que suas forças físicas lhe permitam resistir. Cura divina não faz ao homem imortal, o próprio Jesus carregou consigo o peso do cansaço.

8 O irmão Branham vive em um mundo muito diferente ao que vive o cristão comum. Nos negócios desta vida, ele é desinteressado e ingênuo. Não é seu afã competir com aqueles que frequentemente tratam de se beneficiar sutilmente dele. Por outro lado, no mundo que ele realmente vive, seus sentidos espirituais têm sido vivificados em tal magnitude que o têm capacitado para adentrar-se profundamente em Deus e, por conseguinte, está mais consciente das realidades espirituais, talvez mais que nenhum outro homem que atualmente viva.

9 Realmente ele não traz nenhuma doutrina nova à igreja, mas uma revelação fresca do poder de Deus e uma verdade intrínseca no milagroso revelado nas Escrituras.

10 Junto com esta penetração espiritual, há ainda outra característica em seu ministério que faz com que seja tão querido pelas multidões que lhe ouvem, isto é sua singeleza e humildade. Ninguém sentiria inveja pela vitória alcançada por um que lutou por longo tempo uma batalha quase impossível de ganhar e que a maior parte de sua vida não tem conhecido outra coisa a não ser privado mesmo do pouco desta vida, até ao ponto em que pareceu que sua alma houvera sido desamparada e como se o próprio céu houvesse conspirado contra ele.

11 Damos graças a Deus pelo que a providência divina lhe tem recompensado e nos alegamos em suas vitórias. Talvez em nenhum outro ministério, a morte tem sido tão grandemente simbolizada como no ministério de William Branham.

12 O irmão Branham reconhece as suas limitações e a miúde pede escusas a sua audiência por sua pouca preparação acadêmica. Imediatamente e de bom humor faz menção de sua humilde origem e sua longa luta contra a extrema pobreza na qual ele teve que se levantar.

13 Nele não há pretensão alguma, só quando fala de seu chamado não há vacilação nem titubeios de nenhuma classe. Disto ele deve falar em cumprimento à comissão que lhe foi dada por Deus. Sua mensagem e seu dom devem ser conhecidos pelo mundo inteiro.

14 Enquanto se refere a consideração de pontos doutrinários, isto é matéria diferente. Ele não se considera um teólogo nem um árbitro em controvérsias teológicas. Ainda quando sua influência sobre as multidões é muita, ele não usa dela para inculcar seus pontos de vista doutrinários. Sobre este particular ele se tem visto obrigado a repudiar tais intentos.

15 Sua missão é a de unir o povo de Deus, a não dividi-lo mais em controvérsias doutrinárias. O conhecimento envaidece, porém o amor edifica.

16 Tem sido sua humildade e simplicidade a que tem feito com que grandes audiências sejam atraídas onde quer que seja que ele tenha ido. Mesmo quando o cumprimento de sua missão requer que ele ministre a grandes multidões, tem sido sempre seu desejo sincero conservar a simplicidade em sua vida. Bem sabe ele que grandes homens de Deus no passado perderam o poder e a unção de Deus quando a humildade e a simplicidade começaram a faltar em suas vidas.

17 Quando um homem começa a pensar que é grande e poderoso, então vem a ser pequeno diante de Deus. Muito trabalho tem tido o Senhor em encontrar um homem a quem Ele possa abençoar e que ainda possa se manter humilde e pequeno. A grandeza de um homem está em sua humildade e singeleza. “Seja sempre humilde e simples, nunca trate de ser um dom alguém, mas ao contrário, trate de ser um dom ninguém para o mundo, então Deus poderá lhe usar”, dizia ele.

18 Cremos que Deus neste homem encontrou o que buscava: humildade e simplicidade. Muito podia se falar da humildade e simplicidade deste varão.

19 Tão marcada foi a manifestação de Deus neste homem que numa ocasião ele se viu obrigado a abandonar o ministério porque muitos começaram a crer que ele era o próprio Jesus Cristo, chegando ao ponto de batizar em seu nome, coisa que ele teve que reprovar e repreender severamente. Ele lhes disse: “Se minha presença no campo evangelístico tem de ofuscar a do Senhor, então eu me retiro do ministério e vocês que têm crido em semelhante mentira do diabo, serão responsáveis pelas almas que se perderem durante o tempo em que eu estiver fora do campo evangelístico”.

20 Isto foi algo que o feriu profundamente. Acaso não foi esta a mesma atitude assumida pelos servos de Deus no passado?

21 O fato de que ele tenha que se apartar das multidões, não quer dizer que ele trate de se esquivar às pessoas, mas porque ele tem encontrado que esta é a única forma possível de continuar seu ministério. Se não fosse assim, a maior parte de seu tempo seria ocupada pelo incontável público que busca seu conselho em entrevistas pessoais. Se não fosse assim, não teria tempo suficiente para buscar e esperar Nele.

22 Bem sabe ele que se há alguém que depende da unção do Espírito, este é ele. Sem esta unção ele está indefeso uma vez que ele não pode confiar em nenhum outro

dom ou talento humano, pois não tem nenhum. Muitos não entendem isto e são desanimados ao não lhe conceder um entrevista pessoal. É raro que se passe um dia sem que ninguém tenha uma mensagem a lhe comunicar.

23 Mesmo quando ele tem que se manter vivendo em um mundo tão diferente para poder trazer inspiração e bênção aos demais, não há quem seja tão humano e compreensivo como o irmão Branham. Seu desejo de servir e agradar aos demais é fácil de se notar. Tão grande tem sido este desejo por ajudar ao necessitado, que temendo fazer compromissos que logo não possa cumprir, ele tem tido que pôr nas mãos de seus associados a direção de seus compromissos e negócios, para que assim sejam eles os que acertem tudo em forma correta, e ele poder cumprir seus compromissos devidamente e levar a cabo suas campanhas.

24 Para conhecer ao irmão Branham tem que se conhecer bastante de sua vida. Segundo sabemos e como ele também o relata, sua família era a mais pobre daquele lugar onde eles viviam. No tempo em que ele se casou, a situação era bastante difícil economicamente.

25 Por muito tempo ele teve que viver sem nenhuma classe de comodidades, nem mesmo as mais comuns entre os pobres. Numa ocasião ele teve que entregar a uma casa de móveis uma cadeira reclinável por não poder pagá-la. Por muito tempo ele pregou em seu tabernáculo sem aceitar salário algum, por crer que a igreja era muito pobre para pagar os gastos próprios e ao mesmo tempo sustentar sua família.

26 Para cumprir com seus compromissos, ele trabalhava de guarda-florestal, mas era de tão bom coração que não lhe agradava multar a ninguém, mesmo quando esta era sua única fonte de renda.

27 Portanto, ele tinha outro trabalho, o de patrulhar as linhas de alta voltagem, o qual podia desempenhar em ligação com o outro trabalho. Isto fazia ele para poder sustentar sua família.

28 Nesta luta ele chegou a estar em íntimo contato com o sofrimento humano. Ainda quando Deus o tem chamado para tão grande comissão, sua compaixão é intensa por aqueles que tal como ele têm que caminhar tão escuro e solitário caminho do sofrimento.

29 Há ainda outra razão pela qual Deus escolheu a William Branham para este grande labor de unir Seu povo num mesmo espírito e numa mesma fé. O Senhor bem sabia que ele nunca intentaria começar uma nova organização, o que podia haver feito. A estas sugestões nunca prestou atenção. Sua missão não era a de começar uma nova organização. Não era sua visão nem seu desejo formar uma nova organização, pelo contrário, ele tratava de que o povo reconhecesse que é um corpo e se unisse em espírito esperando o retorno do Senhor.

30 Falando brevemente em seu ministério, o Irmão Branham já não intentava orar por toda a multidão. Ele havia encontrado que suas limitações físicas lhe faziam impossível que pudesse orar por cada pessoa individualmente. Só orava por um número limitado a cada noite. Por certo isto não queria dizer que os demais enfermos não podiam ser curados. Ele os exortava a exercer sua fé e receber cura sem importar o lugar onde estivessem assentados. Grandes foram os resultados obtidos. Incontáveis testemunhos foram recebidos de curas tais como câncer, tuberculose, tumores, etc. Uma e outra vez o Irmão Branham declarava as curas com antecipação, mesmo a pessoas assentadas atrás na audiência.

31 Outro grande propósito das campanhas do Irmão Branham era trazer inspiração ao ministério, para que muitos com nova visão fossem a suas igrejas e comessem um verdadeiro ministério de libertação.

32 Muito se tem usado de substitutos para atrair pessoas às igrejas até ao ponto em que o louvor na igreja tem sido submergido a um nível completamente humano, com o elemento sobrenatural completamente ausente. O ministério de cura divina é o método divino de atrair as multidões.

33 Quão maravilhoso têm sido os ministérios nascidos entre nós, os quais depois de haverem assistido a estas reuniões do Irmão Branham, têm saído diretamente a suas câmaras secretas para esperar em Deus até haverem ouvido do céu!

34 Mesmo os próprios cristãos têm sido enriquecidos pelo que seus próprios olhos têm visto. A incredulidade e o cepticismo têm sido desafiados e postos à vergonha. Deus já não é algo distante nem incerto, mas um que está disposto a revelar-se aos filhos dos homens. Quando o modernismo com sua destrutiva incredulidade enfrenta este desafio, é derrotado instantaneamente.

35 Vãs palavras e ocas oratórias não podem enganar a uma pessoa que tem podido ver a operação do poder de Deus em ação em forma tão convincente.

36 Novamente o homem tem sido trazido à realização de que os tempos bíblicos estão conosco novamente e que a Bíblia é certa e o poder de Deus real. O céu e o inferno são reais.

37 Olhando um pouco ao passado quando o Irmão Branham teve aquela grande visitação, poderíamos assinalar 7 de maio de 1946, quando o anjo lhe apareceu e entre outras coisas lhe disse que se ele permanecesse fiel, este grande movimento espiritual estremeceria ao mundo inteiro. Esta predição temos visto plenamente cumprida.

38 Quão maravilhoso é o Senhor! Quão incompreensíveis são seus juízos e inescusáveis seus caminhos!

39 Há tanta semelhança entre a vida do Irmão Branham e a vida dos profetas do Antigo Testamento, que não pode haver a menor dúvida em nenhuma mente de que ele é um profeta de Deus como o foi Elias, Eliseu, Isaías, Jeremias e os demais que foram reconhecidos como profetas de Deus.

40 Outro propósito pelo qual é escrito este livro é para que Deus lhe fale através dele. Queira Deus que ao ler você estes eventos sobressalientes da vida deste homem, também você possa ver que ele foi um profeta . Portanto, a mensagem que ele trouxe não foi de homem, mas de Deus.

41 O Senhor disse numa ocasião: “Não tenho dito que, se creres, verás a glória de Deus?”

42 Para Deus seja toda glória e honra pelos séculos. Amém.
Fevereiro de 1950.

CAPÍTULO I UM ESTRANHO DESAFIO

43 Foi em Novembro do ano de 1947 quando cedo da tarde se abriram as portas daquele grande auditório na cidade de Portland, Oregon. Já as seis da tarde muitos estavam fazendo fila, esperando a oportunidade de entrar, para assegurar seu assento no auditório.

44 Quando o encarregado do lugar chegou para abrir as portas do auditório, ficou surpreendido ao ver aquela multidão que ansiosamente esperava que ele abrisse as portas para entrar. Lhe pareceu estranho, pois não se havia feito nenhuma classe de anúncio para estas reuniões, e mesmo quando em outras ocasiões se haviam feito anúncios especiais, nunca havia acudido tanto público; apenas enchia uma parte do

auditório. Sem dúvida que estas tinham que ser reuniões especiais para atrair tão nutrido público.

45 Também observou a maneira em que as pessoas procuravam com esmero se assentar nas cadeiras da frente, junto à plataforma, algo que por certo era raro para ele, e segundo ele havia observado em outras reuniões as pessoas não pareciam se preocupar muito em se assentar nas cadeiras da frente, mas preferiam os assentos de trás; porém estas pessoas num momento encheram os assentos dianteiros.

46 Num momento todo o auditório havia se enchido a toda capacidade e foi necessário como medida de segurança fechar as portas do auditório para que ninguém mais entrasse. Algo que também não deixou de causar assombro foi ver ministros de diferentes classes denominacionais, assentados juntos na plataforma, coisa antes nunca vista naquele lugar.

47 Qual era a atração? Qual era o motivo para se reunir tanta gente? Nem os cânticos, nem a música especial foram a atração, ainda que fossem de inspiração e de bênção. Porém ainda era evidente que o público esperava com bastante impaciência algo mais que cânticos e música especial.

48 O motivo para que se reunisse tanta gente se pode dizer em poucas palavras. Naquela cidade havia corrido uma voz de que um homem de nome William Branham estaria pregando naquele auditório. Deste homem se dizia que um anjo havia aparecido a ele numa visitação especial e que uns dons de cura divina haviam sido manifestos em seu ministério. Porque, criam-no ou não, apesar da inclinação materialista que tem invadido a inteligência e o ensinamento as escolas de nossos dias, é evidente que bem dentro do ser humano existe e sempre existirá, um ardente desejo pela manifestação do poder sobrenatural.

49 O homem vive uma vida frágil e passageira, marcada em todos os lugares pela decadência, desintegração e a morte. A teologia materialista e moderna, nada pode oferecer ao homem que agoniza em pecado. Tão pouco pode satisfazer a sede que por natureza está na alma do homem, e que clama por vida. Neste mundo confundido por milhares de vozes em conflito, onde todos requerem reconhecimento e autoridade, não é algo fora do natural que o homem anele a manifestação visível do sobrenatural, para confirmar a autenticidade da mensagem daqueles que falam.

50 Os serviços das duas primeiras noites, haviam levantado grande interesse no público, e agora a terceira noite, o auditório está completamente cheio de pessoas que esperam que apareça o pregador. O diretor da campanha já se prepara para entregar a parte ao pregador; e agora pede que a congregação se ponha de pé para entoar o cântico lema do Irmão Branham: “Somente crer, tudo é possível, somente crer”.

51 Enquanto a congregação canta, um homem de pequena estatura e com modo modesto sobe à plataforma com um amigável sorriso e se põe frente ao púlpito. O cântico cessa, e todo o mundo se mantém em silêncio intenso, enquanto presta toda sua atenção e esmero ao que diz o evangelista. À medida que ele continua falando, se pode notar a impressão do público, causada pela graça e a evidente sinceridade e humildade do pregador.

52 O evangelista, aproveitando o tema de fé, inspirado pelo corinho que acabam de cantar, começa sua mensagem: “Sim, tudo é possível” - diz ele - “ao que crê. Não há nada que possa fazer frente a fé em Deus, e se todos aqui nesta noite puderem crer em Deus juntos comigo, veremos como Deus honrará esta fé e a confirmará ante os olhos de toda a congregação”. A audiência escutava com grande atenção a pequena figura na plataforma; talvez ninguém tivesse a menos suspeita do que estava para ocorrer.

53 De repente, nossa atenção se dirigiu a parte de trás da audiência, onde parecia como se alguma emergência houvesse tomado lugar. Um homem com passo largo e rápido, se dirige aparentemente à plataforma. A princípio criamos que se tratasse de alguma emergência na congregação, que talvez alguém houvesse passado mal, ou houvesse desmaiado. Porém à medida que este homem ia se aproximando, pudemos notar que seu semblante estava carregado de um poder demoníaco, dando a entender que era louco ou que algo grave lhe sucedia. Pensamos que talvez fosse um louco que havia escapado das mãos dos familiares que o sujeitavam. Longe estive de nossa mente que este homem nem era louco nem havia escapado do manicômio, mas era um maníaco cujo trabalho era acabar com reuniões religiosas, e que anteriormente havia estado no cárcere por interromper reuniões desta índole.

54 Parecia que o cárcere não lhe havia corrigido, e agora, vendo esta boa oportunidade de fazer o mesmo, se dirige para o púlpito com estas idéias em mente. Com passo ligeiro e firme, e sem nenhum titubeio, sobe a escada da plataforma assumindo uma atitude ameaçante. Já a estas alturas seu intento satânico esta atraindo a atenção de toda a congregação. A polícia se deu conta da situação e tratou de tomar parte no assunto, porém foi impedida, já que se a deixasse atuar talvez criasse um ambiente de confusão e excitação na congregação, o que haveria arruinado o culto.

55 Além do mais, o evangelista já havia posta a si mesmo em aperto, pois a uns momentos havia dito que tudo era possível para o que crê, e que Deus sustentaria sempre a seus servos que confiassem Nele. A excitação e a expectativa que havia chegado o culto era tal, que deixar que os oficiais da polícia se encarregassem da situação, não parecia ser a ordem divina a seguir.

56 Depois de impedir aos oficiais que tomassem ação sobre o assunto, não soubemos mais o que fazer. Tratamos de informar ao evangelista o que estava sucedendo, porém parecia que ele já estava consciente de que algo andava mal. Com voz serena e quieta, se ouve ao evangelista dirigir-se a sua audiência, pedindo à congregação que se unisse com ele em oração silenciosa, enquanto ele se dispunha a enfrentar o desafio deste adversário.

57 Com rosto endemoniado, o burlador começa a maldizer ao pregador descaradamente, frente ao público: “Tu és um diabo e um falso” - dizia ao evangelista - “Tu enganas as pessoas, tu és um impostor, serpente, e vou provar diante de toda esta gente”. A coisa já havia se tornado bastante séria, sem dúvida que esse era um desafio bastante atrevido. Todos na congregação se deram conta que isto não era brincadeira e que este homem sairia com as suas diante de todo o público.

58 O ambiente estava carregado de suspense; todo mundo esperava o que ia suceder, qual havia de ser o desenlace de tudo isto. Em meio de um silêncio sepulcral, este burlador continua rebaixando ao pregador, enquanto cospe no piso, tratando de executar o que acabava de dizer. Pareceu à congregação que havia chegado um momento difícil para este pregador. As pessoas viram que ele não era par, fisicamente falando, para enfrentar a este enfurecido competidor.

59 A congregação, em seu interior, talvez se compadecia dele. A polícia, vendo a situação, novamente trata de ajudar ao pregador, porém ele agora também rejeita sua ajuda e deliberadamente aceita o desafio deste homem, cujo físico havia convencido a congregação de que era capaz de levar a cabo sua pretensão. Sem dúvida que os críticos esperavam um fim desastroso para este inesperado drama que se havia desenrolado e que estava por chegar ao seu clímax.

60 Nos momentos de tensão que seguiram, a gente podia trazer à memória um desafio muito parecido ao que se estava desenrolando quando todo Israel escutava como Goliias amaldiçoava ao pequeno Davi no nome de seus deuses. Tal como Israel, toda a congregação havia se amedrontado frente a tão tremendo desafio, olhando a cena com assombro e esperando o pior.

61 O conjunto de ministros na plataforma havia examinado a situação com não pouco assombro e desalento, sabendo que a menos que Deus fizesse algo fora do comum sustentando a seu servo, como no tempo de Davi, este perverso intruso novamente voltaria a romper esta reunião religiosa. Muitos se turbaram ao ver que havia sido rejeitada a ajuda da polícia e creram que esta falta de sabedoria daria a este endemoniado a oportunidade para arruinar o culto e como consequência trazer reprovação sobre a causa do Senhor e talvez sérios golpes ao pregador.

62 Os segundos passavam, sem chegar ao fim que tanto esperava o público. Parecia como se uma força desconhecida a este homem, lhe estivesse impedindo de realizar o que havia proposto. Por alguma razão ele não podia executar nenhuma classe de violência contra o pregador; pelo contrário, se podia notar nele como se estivesse lutando consigo mesmo sem poder dar um passo à frente. Ao mesmo tempo dava brados que infundiam temos. Desesperadamente se movia, aparentemente sem poder fazer nada mais.

63 Suavemente, porém com firmeza, se ouve a voz do evangelista repreendendo o poder maligno que domina a este pobre homem. Suas palavras, pronunciadas tão serenamente, só se podiam ouvir a pouca distância, que diziam: “Satanás, porquanto tens se atrevido a desafiar ao servo de Deus diante desta congregação, te ordeno no Nome de Jesus Cristo que te ajoelhes diante de mim. Cairás humilhado a meus pés”. Estas palavras foram repetidas várias vezes.

64 O desafiador deixou de falar e agora é ele quem se vê lutando sob uma força estranha. Tanto o homem como as forças que o controlavam, apesar de fortes como eram, se vêem sucumbindo gradualmente sob outro poder que respondeu ao chamado do nome de Jesus. O homem não tardou muito a se dar conta que estava sendo vencido, mas sem poder remediar a situação. Uma tensa batalha espiritual estava se travando dentro deste homem. Gotas de suor caíam em seu rosto enquanto ele faz um último intento por prevalecer. Porém tudo foi em vão. De repente, aquele que nuns momentos atrás havia desafiado tão descaradamente ao servo de Deus com seus insultos e ameaças, dando um grito de desespero cai ai piso numa forma violenta e histérica. Por um momento esteve se retorcendo no solo, enquanto o evangelista calmamente continuava o culto, como se nada houvesse acontecido.

65 Não haveria necessidade de mencionar a onda de louvores que seguiu a este glorioso evento, dando glória a Deus pelo que acabavam de ver. O assombro se podia notar nos rostos daqueles que presenciaram este grande acontecimento, onde Deus havia vindicado a seu servo tão tremendamente.

66 Louvores em gritos encheram aquele espaçoso auditório. A polícia também, maravilhada pelo que havia visto, abertamente declarava que Deus estava neste lugar. Uma onda de glórias seguiu na oração pelos enfermos que nunca poderia ser esquecida por aqueles que estiveram presentes naquela noite enquanto o Irmão Branham ministrava aos enfermos na fila de oração.

67 Porém quem foi este homem que falou tais palavras de autoridade e cujo ministério tem sido confirmado com tão notáveis demonstrações do poder divino? Seu nome é William Branham, de Jeffersonville, Indiana. Este ministério havia de ter uma repercussão cada vez maior, até ao ponto de cobrir o mundo inteiro. Muitos naquela

noite me Portland, Oregón, glorificaram a Deus, porque eles sabiam que Deus novamente havia visitado a seu povo.

68 Também os ministros reconheceram que Deus havia descido em meio de seu povo com poder especial. Eles creram que isto que haviam visto era só um sinal de coisas maiores e mais gloriosas que Deus preparava para fazer em meio de seu povo. Alguns, por certo, foram revolucionados em seus ministérios; um deles foi um jovem pastor de nome T. L. Osborn, o qual logo entrou ao campo evangelístico com um ministério de cura divina.

69 Estranho como foi o fim da campanha, ouvimos de alguns que duvidavam, por que havia Deus escolhido um homem com tão escassa educação e tão pobres antecedentes? Tão pouco podiam eles entender o princípio do qual falou Paulo em I Coríntios 1:26-27: “Porque, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias, e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes. E Deus escolheu as coisa visíveis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são: para que nenhuma carne se glorie perante ele.”

70 Não obstante, a maioria creu e se regozijava. Apesar de que fisicamente era impossível ao evangelista ministrar aos milhares de corpos cheios de pragas de diversas enfermidades, em outra forma que não fosse a oração em massa, foi surpreendente o número de testemunhos recebidos nesta campanha.

71 Aqueles que creram e receberam bênção do céu, testificam que nunca poderão esquecer aqueles cultos celebrados nesta cidade de Portland, Oregón.

72 Talvez já seja tempo de investigarmos mais detalhadamente acerca de quem seja este homem chamado William Branham. De onde vem? De qual forma o anjo lhe apareceu em tão especial visitação de Deus e de sua comissão de orar pelos enfermos? A resposta destas perguntas dedicaremos os próximos capítulos.

CAPÍTULO II

NASCIMENTO PECULIAR E INFÂNCIA

73 Começava a amanhecer numa preciosa manhã de Abril de 1909, no montanhoso campo de Kentucky, não muito distante do lugar onde nasceu Abraham Lincoln cem anos atrás. Os raios do sol já haviam começado a penetrar pelas janelas da humilde cabana, muito pobre por certo, quando de repente se ouviu a voz de um bebê que acabava de nascer. Os passarinhos já haviam começado seu melodioso cântico muito peculiar do campo.

74 Pereceu ao pai do pequeno que a estrela da manhã havia brilhado com mais intensidade que em nenhuma outra manhã. O pequenino chorava enquanto pequenas mãozinhas roçavam o rosto de sua mãe de quinze anos. De pé ao lado da cama estava seu pai de dezoito anos, vestido com umas calças típicas das pessoas do campo e suas mangas enroladas até os cotovelos.

75 “O chamaremos William”, disse o pai enquanto se inclinava a beijar ao menino. “Bem - disse a mãe - porque então o chamaremos de Billy”. Longe estava desta mãe pensar que estas pequenas mãos que tocavam o seu rosto, um dia seriam usadas pelo Todo Poderoso para trazer liberdade a Seu povo da escravidão e da enfermidade.

76 Quem ia imaginar que este menino nascido na montanha, um dia levaria a mensagem do Evangelho ao redor do mundo inteiro; que iria a casa de reis e grandes magistrados oferecer a oração de fé pelo enfermo e aflito? De todas as famílias

daquele lugar, a família Branham era a mais pobre. Sem dúvidas que os caminhos do Senhor são inescusáveis; como haveriam crido se alguém houvesse dito que Deus através deste menino algum dia faria com que demônios fossem repreendidos, que o cego visse, que o mudo falasse, que o surdo ouvisse, que cancerosos fossem curados, e que milhares de milhares caíssem sobre seus joelhos pedindo misericórdia com lágrimas de arrependimento? Tão pouco haveriam crido como aviões voariam de continente a continente a tão grande velocidade para trazer enfermos à sua presença tal como trens e automóveis trariam centenas de enfermos a receber a singela oração de fé deste servo de Deus e serem libertados de toda classe de enfermidades.

77 Como do sul e do norte, do leste e oeste viriam a ouvir a simples história de Jesus, pregada em forma tão peculiar, e com demonstração do Espírito e poder.

78 À medida que se aproximavam os vizinhos para ver ao menino, dizem eles que nos quarto onde estava o menino havia uma estranha sensação que todos podiam perceber. Quem pode duvidar que esta estranha sensação que eles sentiram fosse produzida pela presença do anjo que tem acompanhado ao Irmão Branham toda sua vida e que mais adiante haveria de lhe aparecer em pessoa para falar com ele face a face?

79 O primeiro dia de sua vida, algo muito estranho sucedeu. Depois que uma parteira o havia banhado, o colocou ao lado de sua mãe e foi abrir a janela. A janela não tinha vidro e o ar e a luz só eram controlados abrindo ou fechando a janela. O sol havia começado a aparecer sobre o campo e uns pequenos raios de luz haviam penetrado no quarto. Junto com estes raios de luz veio também um halo de luz muito brilhante em forma circular como aproximadamente um pé de diâmetro e pousou sobre a cama onde estava a mãe e o menino.

80 Este é o mesmo halo de luz que tem sido visto por milhares de pessoas, e sem dúvida alguma é também o mesmo que apareceu na famosa fotografia tomada em Houston, Texas, durante a campanha celebrada em Janeiro de 1950.

81 Quando a parteira e os pais se deram conta deste fenômeno, começaram a chorar; tinham medo, não sabendo o que significava. Não foi senão muitos anos mais tarde que estas pessoas que viram este halo sobre o menino, puderam compreender que Deus tinha sua mão posta sobre este homem para um grande ministério que haveria de trazer ao mundo.

82 A família Branham não era religiosa nem prestava atenção a nada que tivesse haver com religião. Seu avô era católico e a seu pai e sua mãe não interessavam o cristianismo. Porém pelo que havia acontecido no dia de seu nascimento, sua mãe o levou a uma igreja e também a última por muitos anos.

83 O pai do pequeno era lenhador e tinha que passar muito tempo separado de sua família, especialmente no outono e no inverno, devido a que lhe era impossível viajar frequentemente por motivo de muita neve e mal tempo. Quando isto sucedia, a mãe e o menino ficavam sós.

84 Foi numa destas ocasiões que Kentucky experimentou uma das piores tormentas de neve. Pareceu como se os acontecimentos houvessem conspirado contra a vida destas duas criaturas. O menino apenas contava com seis meses de idade quando isto sucedeu estando o pai longe do lar. Tão tremenda foi esta tormenta de neve que deixou paralisada toda aquela zona devido a muita neve. A reserva de comida com a que contava a família Branham era muito pouca e rapidamente começou a lhe faltar a comida e calor, pois o frio era intenso.

85 A mãe, envolvendo seus pés em sacos, saía ao campo a buscar lenha. Logo depois de cortá-la a trazia à cabana e ali a armazenava, pronta pra manter a chaminé

acesa. Passaram alguns dias e a situação continuava piorando. Apenas tinha que comer para suas forças.

86 Finalmente ela se debilitou tanto que teve que desistir de sair em busca de lenha. A reserva de alimento havia se esgotado e também a lenha. Nesta situação crítica, a mãe decidiu recolher toda a roupa de cama que tinha disponível e se envolveu com o menino a esperar o fim.

87 Foi então quando Deus enviou seu anjo protetor a lhes livrou da morte. Um vizinho que morava a certa distância da família se sentiu inquietado por saber da condição da família Branham ao não ver sair fumaça de sua chaminé. A cada momento que olhava para a humilde cabana se sentia mais preocupado por saber sua condição.

88 Passados uns dias, a convicção de que algo andava mal chegou a ser tão profunda que ele decidiu fazer uma investigação, ainda que isto significava ter que caminhar por cima do gelo, o que era perigoso, pois a cabana não estava muito perto. Porém de todas as formas, este vizinho dirigido pela mão de Deus chegou até a cabana. Ao chegar à cabana, seus temores foram confirmados, porque ninguém respondia de dentro da casa nem haviam vestígios que indicassem que alguém houvesse saído da cabana e além do mais a porta estava fechada por dentro.

89 O vizinho decidiu forçar a porta para entrar e quando assim o fez, ficou surpreendido pelo que viu à sua frente: A mãe e o menino completamente cobertos com a roupa de cama, estavam à beira da morte por causa do frio e da falta de alimento. O bondoso vizinho seguidamente juntou a lenha e acendeu um fogo que aqueceu a cabana. Logo foi a sua casa conseguir algo para que eles comessem.

90 Seu ato de misericórdia foi feito a tempo. “Amados leitores - diz o Irmão Branham - creio que aquele haveria sido nosso fim; se não houvesse sido por nosso carinhoso Salvador, quem a seu devido tempo falou ao coração deste bondoso vizinho. Ele sempre está perto e aparece no tempo oportuno.”

91 Não passou muito tempo e tiveram que mudar de Kentucky para o estado de Indiana onde o pai foi trabalhar como um agricultor, perto de Utica. Um ano mais tarde voltaram a mudar um pouco mais para baixo para um vale perto de Jeffersonville, Indiana, uma cidade de tamanho moderado, a qual veio a ser o povo onde haveria de se criar William Marrion Branham.

DEUS FALA PELA PRIMEIRA VEZ AO MOÇO

92 Vários anos se passaram e o moço era de uns seis anos de idade, havendo entrado apenas numa escola rural, uma milhas ao norte de Jeffersonville. Por este tempo foi que Deus falou ao jovem pela primeira vez. Deixemos ao Irmão Branham narrar em suas próprias palavras a história desta tão peculiar visitação.

93 “Nesta idade foi quando pela primeira vez me interessei pelo futuro. Sempre tenho amado a caça e a pesca, e nessa tarde tão formosa em fins de Setembro, alguns de meus amigos haviam ido pescar em um poço próximo onde abundavam peixes grandes. Naquela tarde eu chorei muito porque não pude ir com eles pescar, pois papai havia me dito que teria que carregar água para ele do tanque.

94 Meu pai bebia muito licor e neste tempo do ano era quando se destilava uma espécie de licor muito forte e havia tocado a mim carregar água ao alambique, que seguramente estaria trabalhando naquela noite. Quando vinha de regresso com meus baldes cheios, descendo pelo caminho me detive a descansar debaixo de uma árvore, chorando porque não havia podido ir com meus amigos pescar.

95 Enquanto estava assentado ali junto a árvore, algo sucedeu que nunca poderei esquecer. Aparentemente, ouvi como que o vento soprando entre as folhas da árvore, olhei para cima e não havia nenhum movimento nas folhas, tão pouco havia sinal de vento; era uma tarde bastante quieta.

96 Saí da árvore e ao olhar para cima, notei que em certo lugar havia um redemoinho do tamanho de um barril; o vento parecia estar soprando sobre as folhas de um lugar específico da árvore. O ruído se fazia mais forte e de repente em meio deste redemoinho saiu uma voz audível e me disse: “Nunca fumes, nem bebas, nem de maneira alguma desonres o teu corpo, porque tenho uma obra para ti quando tiveres maior de idade.”

97 Tanto foi o medo que me deu aquela voz que não soube o que fazer. Chorando corri para casa, porém a ninguém contei o que havia sucedido. Assustado e temeroso caí sobre os braços de minha mãe; ela creu que uma serpente me havia mordido, porém lhe expliquei que estava somente assustado, então me deitou na cama e ia até chamar o doutor, crendo que eu havia sofrido um ataque de nervos.

98 Agora, amigos, compreendo que muitos zombam disto que lhes conto, porém não sou responsável pelo que os outros dizem, mas só pelo que foi minha própria experiência.

99 Desde este dia em diante eu me desviava daquele lugar, tratando de me esquivar daquela árvore, pois segundo o que eu pensava, naquela árvore havia um homem escondido, e todavia creio que é a verdade. O certo é que era o Anjo do Senhor. Anos mais tarde me encontrei com Ele face a face, e Ele falou comigo.

100 Devido a esta forma tão estranha de Deus tratar comigo, nunca pude beber nem fumar. Recordo de uma vez que ia ao rio com meu pai e outro homem amigo de meu pai. Eles me ofereceram um trago de uísque, e como eu queria obter favor com este homem para que me emprestasse uma canoa, aceitei o trago; porém tão positivo como lhes falo, voltei a ouvir aquele estranho somido como de um vento agitando as folhas.

101 Olhando ao redor e não vendo sinal de que estivesse soprando vento, voltei a levar a garrafa em meus lábios novamente, quando de repente ouvi aquele ruído, porém desta vez mais forte. O temos se apoderou de mim como em outras ocasiões, atirei a garrafa e saí correndo, enquanto meu pai me chamou de menino afeminado.

102 Oh, quanto me doeu isto! Mais tarde voltei a ser chamado de igual forma por uma amiga minha quando lhe disse que não fumava. Irado por sua crítica, tomei um cigarro em minha mão e o ia ascender para fumar de todas as maneiras, quando novamente fui surpreendido por esse familiar somido, o que fez com que eu atirasse o cigarro no chão e saísse correndo e chorando porque eu não podia ser como os demais moços. Ao mesmo tempo as críticas de meus companheiros retumbavam em meus ouvidos, enquanto correndo me distanciava daquele lugar.

103 Sempre tenho sentido uma sensação como se alguém caminhasse comigo a meu lado e tratasse de me dizer algo, especialmente quando estou a sós. Ninguém parecia me entender, nem eu mesmo. Os moços com os quais eu me associava não queriam saber de mim porque eu não bebia, nem fumava, nem tão pouco assistia aos bailes, dos quais todos eles participavam. Assim, parecia como se eu houvesse de ser através de toda minha vida, a “ovelhinha negra”, sem encontrar alguém que pudesse me compreender, e nem ainda me entendendo a mim mesmo.

CAPÍTULO III POBREZA NA FAMÍLIA DO IRMÃO BRANHAM

104 Parece ser na providência de Deus que seus vasos escolhidos, na maioria dos casos, têm tido que crescer e se levantar em um ambiente difícil e muitas vezes em extrema pobreza. Em alguns casos lhe tem sido permitido provar profundamente a taça da dor. Ninguém sabe como compadecer-se de uma pessoa aflita e agonizante e menos que haja passado por uma situação semelhante.

105 Raras vezes aqueles que Deus chama para realizar tão sobressaliente labor, têm se levantado em meio de riquezas e abundância ou em meio de familiares da aristocracia.

106 O próprio Salvador nasceu num presépio. Ao oitavo dia quando ele foi circuncidado, sua família só pôde oferecer um cordeirinho, o qual era um sacrifício que só ofereciam as famílias mais abastardas. Isto mostra a pobreza da família do Salvador.

107 Críticos no tempo do Senhor duvidavam da autoridade de seu precursor, devido a forma que João se vestiu. João vestia-se com uma indumentária rara e sua preparação era áspera, não polida com o conhecimento eclesiástico desse tempo, nem com o estilo nem a forma denominacional daqueles dias.

108 Porém Jesus disse de João, que nenhum nascido de mulher era maior que João. Em seguida pergunta aos críticos: “Que saístes a ver, um homem coberto de delicados vestidos? Eis que os que trazem vestidos delicados estão nas casas dos reis”. Em outras palavras, o Mestre lhes disse que eles não deviam esperar que um homem do calibre ou da estatura de João, viesse de um ambiente de riquezas ou luxo.

109 Parece que a humildade e simplicidade de caráter se desenvolvem melhor num ambiente de pobreza e limitações do que em meio de riquezas. Deixemos ao Irmão Branham mesmo nos contar algo acerca de seu lar, sua infância e como seu pai lutou com a pobreza para poder levantar a sua família.

110 “Eu era mais ou menos um menino mimado, muito apegado a papai. Quando eu via aqueles músculos de papai, quando ele enrolava as mangas, dizia eu: “Papai nunca poderá morrer. Com estes músculos durará cem anos!” Papai era lenhador e tinha músculos muito grandes. Me parecia como se ele nunca pudesse morrer. Cinquenta e dois anos contava ele e todavia não tinha um só fio de cabelo branco, naquele cabelo negro ondulado. Foi neste tempo que meu pai passou a morar com o Senhor, sustentando eu o seu rosto sobre meus ombros. Eu havia podido ver a meu pai vir do trabalho tão queimado do sol que minha mãe tinha que rasgar sua camisa com a tesoura para não ferir suas costas.

111 Ele trabalhava muito por tão somente setenta e cinco centavos ao dia. Eu amava a meu pai, mesmo quando me portava mal, papai me levava à lenharia e ali me ensinava como me comportar. Porém eu amava a meu pai.

112 Anos mais tarde, ele entregou seu coração ao Senhor e foi salvo, apenas a uns instantes antes de morrer em meus braços.”

POBREZA NO LAR

113 “Eu recorro como papai trabalhava para poder pagar as dívidas. Não é uma desgraça ser pobre; mas é duro muitas vezes. Recorro que nós não tínhamos suficiente roupa para ir à escola. Uma vez estive um ano inteiro sem ter uma camisa para pôr. Certa vez uma mulher muito rica que me presenteou com um casaco com um emblema de marinheiro no braço. Eu levava a gola dele para cima, mas fazia tanto calor. A professora me dizia: “William”. Eu respondia: “Sim, senhora”. “Por que não tiras o casaco?” Porém eu não podia, não tinha nenhuma camisa por baixo. Portanto eu lhe mentia e lhe dizia: “Tenho frio, professora”.

114 Então ela me dizia: “Está bem, assenta-te ao lado do fogo”. Eu ia e me assentava ali. Oh, como desciam gotas de suor por todo meu corpo! Depois de um momento ela voltava a me perguntar: “O frio ainda não acabou?” Eu lhe respondia: “Não, senhora”.

115 Não era fácil. Os dedos de meus pés apareciam nos meus sapatos como a cabeça de uma tartaruga. Logo mais tarde consegui uma camisa. Vou lhes dizer que classe de camisa era. Era o traje de uma moça que pertencia a meu tio, e tinha um montão de enfeites ao redor. Eu lhe cortei a parte de baixo e pus somente a parte de cima. Oh, você não pode imaginar como eu ia orgulhoso à escola com esta camisa. Então na escola todo mundo começou a rir de mim, e eu lhes perguntava por que riam de mim, e eles diziam: “Você está vestido com roupa de mulher”. Então tinha que voltar a mentir. Eu dizia: “Não, estão enganados, este é meu traje de índio.” Porém eles não criam em mim e eu tinha que ir embora chorando.

116 Perto de nós morava um garoto que vendia estas revistas de guias. Fazendo isto, ele ganhava o preço de um traje de menino escoteiro. Oh! Quanto me agradava aquele uniforme. Era então tempo de guerra e todo aquele que tinha suficiente idade tinha seu uniforme.

117 Sempre tenho desejado ser soldado. Naquele tempo eu era menino. Mesmo para esta última guerra eu não era suficientemente grande para ir. Eu tenho quatro irmãos que foram. Porém Deus tem me dado um uniforme de todas as formas - a armadura de Deus - para que eu vá lutar contra a enfermidade e doenças que têm amarrados as pessoas.

118 Porém quando admirava aquele uniforme com seu chapéu e tudo mais. Eu lhe disse: “Lloyd, quando você deixar esse uniforme, o dará a mim?” Ele disse: “Sim, está bem, darei a você, Bill.” Ora, esse uniforme lhe durou mais que nenhuma outra coisa que eu haja visto. Me pareceu como se ele nunca mais fosse deixar aquele uniforme. Logo não o vi mais com aquele uniforme e fui a ele e lhe: “Lloyd, que fizeste do uniforme de menino escoteiro?” E ele me disse: “Billy, vou procurá-lo e ver se encontro.”

119 Porém quando o buscou encontrou que sua mãe o havia feito pedaços para remendar a roupa de seu pai. Logo veio a mim e me disse: “Oh Billy, o procurei e não pude encontrar nada mais que uma perna.” Lhe disse: “Traga-me isto.”

120 Então pus para casa e pus isto, tinha um cinto então o amarrei bem. “Oh, agora sim eu sou um soldado”, cria eu. Eu queria ir à escola com isto, porém não encontrava como.

121 Sabem o que fiz? Fingi ter uma perna ferida, então pus o pedaço de perneira dizendo que era para proteger minha perna. Porém na escola a professora me mandou ao quadro. Tratei de esconder a perna que não tinha perneira e todo o grupo se pôs a rir de mim. Comecei a chorar e a professora me mandou para casa.

122 Recordo quando íamos ao povoado num carretão duas vezes ao mês para pagar a conta de alimentos. O dono nos presenteava com alguns doces. Todos nós, garotinhos, esperávamos que papai viesse com os doces. Quando papai os trazia cada um vigiava para ganhar igual quantia. Agora mesmo eu posso ir a uma loja e comprar uma barra de chocolate, porém nunca seria igual aquela que nos davam no armazém. Aquele era um verdadeiro doce.

123 Muitas vezes eu guardava um pedaço, e o punha em meu bolso. Eu então esperava a Segunda-feira quando meus irmãozinhos já haviam comido o deles, então eu tirava meu pedaço que eu havia guardado. Muitas vezes eu os deixava chupar um pouquinho se prometiam me ajudar nas tarefas do dia.

CAPÍTULO IV

A CONVERSÃO DE WILLIAM BRANHAM

124 William Branham, o moço, mesmo havendo recebido estas extraordinárias manifestações da providência divina em sua vida, sem dúvida não era ainda convertido. Por algum tempo ele resistiu o chamado. À idade de quatorze anos foi seriamente ferido enquanto caçava e teve que permanecer meses recluso em um hospital.

125 Deus tratou com ele, porém mesmo assim ele não fazia caso. No entanto, a urgência do chamado vinha a ser mais e mais consciente para ele. Em vista de que seus pais não eram cristãos, ele não tinha nenhum estímulo em seu lar, e à medida que ia crescendo, o inimigo tratou de afogar esta tranqüila e pequena voz que sempre estava falando a seu coração.

ELE VAI AO OESTE

126 Quando chegou a idade de 19 anos decidiu ir para o oeste para trabalhar em um rancho. Numa semana de Setembro do ano de 1927, ele disse à sua mãe que ia numa viagem de campo a Tunnel Mill, uma localidade como que a 14 milhas ao norte de Jeffersonville.

127 Ele disse isto porque compreendeu que se sua mãe chegasse a saber algo acerca de seus planos de ir para o oeste, ela trataria de impedir que ele fizesse a viagem. Porém quando sua mãe soube dele outra vez, em lugar de esta em Tunnel Mill, estava bem longe, em Phoenix, Arizona. Em realidade, no fundo de seu coração, ele sabia que estava fugindo de Deus. Ele desfrutou da vida no rancho por um tempo e da novidade do oeste, porém como todos os prazeres do mundo, logo se tornaram velhos.

128 De suas experiências no oeste e do chamado de Deus que estava sempre em seu coração, ele dizia:

129 “Muitas vezes tenho ouvido o vento soprando entre os altos pinheiros. Parecia como se eu pudesse ouvir Sua Voz chamando em meio do jardim, dizendo: “Adão, onde estás tu?” As estrelas pareciam estar tão perto que a gente podia tomar com as mãos. Deus parecia estar muito perto.”

130 “Uma coisa que eu recordo muito bem de Arizona, são as estradas no deserto. Se a gente se separa em algum momento da estrada, pode se perder facilmente. Algumas vezes os turistas vêem pequenas flores do deserto e saem do caminho para colhê-las. Eles vão para o deserto e se perdem, e algumas vezes morrem de sede. Assim é no Caminho cristão. Deus tem um Caminho. Ele fala desse Caminho em Isaías 35:8.

131 É chamado o “Caminho da Santidade”. Muitas vezes pequenos prazeres do mundo nos distanciam do Caminho. Então perdemos nossa experiência com Deus. No deserto quando a gente está perdido, algumas vezes aparecem miragens. Para aqueles que estão morrendo de sede, a miragem seria um rio ou lago. Eles correm e se lançam dentro deles, só para se darem conta que estão banhando em areia quente. Algumas vezes o diabo lhe mostra algo que ele diz ser muito bom. Isso é só miragem; á algo que não é real.

132 Se você o escuta, se encontrará amontoando tristezas sobre sua cabeça. Não lhe faça caso, querido amigo. Creia em Jesus, quem dá água viva para aqueles que estão famintos e sedentos.”

UMA MENSAGEM TRISTE

133 Um dia o jovem recebeu uma carta de seu lar informando-lhe que um de seus irmãos estava muito enfermo. Era Eduardo, o qual lhe seguia em idade. Ele não pensou que a enfermidade fosse muito séria e creu que tudo se normalizaria. No entanto, uma tarde, uns quantos dias depois, ele regressou da cidade para o rancho e enquanto ele atravessava o corredor do rancho, lhe foi dada uma mensagem escrita que dizia: “Bill, venha ao pasto do norte, muito importante.”

134 Ele imediatamente saiu ao pasto do norte e a primeira pessoa com quem se encontrou, foi um velho rancheiro Estrela Solitária a quem chamavam “Pop”. O velho tinha uma expressão de tristeza em seu rosto, e disse: “Bill, rapaz, tenho más notícias para ti.” Neste mesmo momento, o capataz vinha subindo. Eles lhe disseram que seu irmão, Eduardo, havia morrido.

135 Você pode imaginar o que significava este choque para o jovem ao compreender que nunca mais voltaria a ver vivo seu irmão neste mundo. Desde então os acontecimentos começaram a suceder. Cada vez que ele resistia a Deus, tragédia ou tristezas de alguma forma vinha sobre ele. Quando ele se submetia e obedecia a Deus, o Senhor lhe abençoava e prosperava. Indubitavelmente essa mesma lição deve ser aprendida por cada pessoa vivente. Oxalá todos nós pudéssemos aprender pelo sofrimento de outros, em vez de aprender por nossas próprias experiências amargas.

136 Voltemos de novo ao Irmão Branham enquanto ele relatava os efeitos dessa notícia nele, de sua triste viagem a seu lar, e os eventos que seguiram, os quais finalmente resultaram em sua conversão a Cristo:

137 “Quando compreendi a notícia da morte de meu irmão, por um momento não podia me mover. Aquela era a primeira morte na família. Porém eu quero dizer que a primeira coisa em que pensei foi se ele estava preparado para morrer. Enquanto me voltava e olhava o prado amarelo, lágrimas corriam por minhas faces.

138 Eu recordava de como lutávamos juntos quando éramos garotos pequenos e quanto sofremos ou quão duro havia sido para nós. Íamos à escola com quase nada de comer. Os dedos nos saíam dos sapatos, e tínhamos que usar casacos velhos presos com alfinetes até ao pescoço porque não tínhamos camisa para pôr. Como recordo também que nossa mãe um dia tinha pipoca numa lancheira para nosso almoço.

139 Nós não comíamos com o resto dos garotos. Nós não podíamos desfrutar de alimentos como eles tinham. Sempre íamos detrás da colina para comer. Eu me recordo que no dia que tínhamos pipocas criamos que tínhamos uma grande merenda. Por conseguinte, para estar seguro de que eu obteria a minha parte disso, saía antes do meio dia e tomava uma boa parte à mão cheia antes que meu irmão tomasse sua parte.

140 De pé ali olhando o prado queimado pelo sol, eu pensei em todas estas coisas e me perguntei se Deus o haveria levado a um lugar melhor. Então Deus voltou a me chamar, porém, como sempre, eu tratei de resisti-lo.

141 Eu me preparei para regressar à casa para o enterro. Quando o Rev. Mc. Kinney da Igreja de Port Fulton, um homem que é como um pai para mim, pregou no serviço funeral, fez menção de que “Talvez haja alguém que não conhece a Deus; se assim é, aceite-o agora.” Oh, como eu me agarrei a minha cadeira; Deus estava tratando comigo de novo. Querido leitor, quando Ele lhe chamar, responda-Lhe.

142 Eu nunca me esquecerei como papai, o pobre velho, e mamãe choravam detrás da marcha fúnebre. Eu desejava regressar ao oeste, porém mamãe me

suplicou tanto que eu ficasse que finalmente aceitei ficar se pudesse conseguir um emprego. Logo consegui um trabalho na Companhia de Serviço Público de Indiana.

ENFERMIDADE

143 Como que uns dois anos mais tarde, enquanto procurava uns relógios medidores na oficina de contadores, nos trabalhos de gás em Nova Albany, eu fui asfocado com gás, e por semanas sofri com isso. Fui a todos os médicos que conhecia. Não tinha melhora. Sofria de acidez estomacal causada pelo efeito do gás. Ia me tornando pior cada momento. Fui levado a especialistas em Louisville, Kentucky.

144 Eles finalmente disseram que era meu apêndice, e disseram que tinha que ser operado. Eu não podia crer porque nunca havia sentido uma dor em meu lado. Os médicos disseram que não podiam fazer nada mais por mim até que me submetesse a operação. Finalmente consenti que a fizessem, porém insisti que usassem anestesia local, para poder observar a operação.

145 Eu queria que alguém que conhecesse a Deus estivesse a meu lado. Eu cria na oração porém não podia orar. Assim sendo o ministro da Primeira Igreja Batista foi comigo à sala de operações. Quando me pegaram para mudar da mesa de operações à minha cama, senti que me tornava cada vez mais débil. Meu coração quase não estava batendo. Sentia a morte sobre mim. Minha respiração se dificultava cada vez mais.

146 Eu sabia que havia chegado final de minha carreira. Oh, amigo, espere até chegar ali, então pensará você nas muitas coisas que tem feito. Eu sabia que nunca tinha fumado, bebido ou tido nenhum hábito sujo, porém eu sabia que não estava pronto para encontrar-me com Deus.

147 Se você é apenas um membro de igreja formal e fria, se dará conta quando chegar a seu fim, que não está preparado. Assim sendo, se isso é tudo o que você sabe de Deus, eu lhe peço aqui mesmo que dobre seus joelhos e peça a Jesus que lhe dê experiência do novo nascimento, como aquele do qual Ele falou a Nicodemos no capítulo 3 de João, e oh! Como repicarão as campainhas de júbilo! Louvado seja Seu Nome.

DEUS LHE FALA

148 Começou a escurecer mais o quarto do hospital, como se fosse um grande bosque. Eu podia ouvir o vento soprando entre as folhas, ainda que parecesse estar soprando bem dentro do bosque. Talvez você haja escutado o vento soprando entre as folhas e vir se aproximando cada vez mais. Eu pensei: “Bom, essa é a morte que vem me buscar.” Oh! Minha alma ia encontrar-se com Deus; eu tratei de orar porém não podia.

149 Mais perto veio o vento, mais rijo e mais forte. As folhas sussurravam e de repente sentia me haver ido. Parecia haver voltado a ser o pequeno menino descalço, de pé naquele caminho debaixo da mesma árvore. Eu escutei essa mesma voz que disse: “Nunca bebas nem fumes.” E as folhas que escutei eram as mesmas que sopraram naquela árvore aquele dia. Porém desta vez a voz disse: “Eu tenho te chamado e tu não tens querido vir.” As palavras se repetiram por três vezes. Então eu disse: “Senhor, se és Tu, permita-me voltar de novo à terra a pregarei Teu Evangelho desde os terraços e esquinas das casas. Eu contarei a todo mundo sobre isto.”

150 Quando esta visão passou, me dei conta de que me sentia melhor. Meu cirurgião ainda se encontrava no edifício. Ele veio e me olhou, e ficou surpreso.

Ele olhou como crendo que estaria morto; então disse: “Eu não sou um homem que visito igreja, meu trabalho é muito intensivo, porém eu sei que Deus tem visitado a este rapaz”. Porque ele disse isto, eu não sei.

151 Ninguém havia dito coisa semelhante. Se eu houvesse sabido então o que sei agora, haveria me levantado da cama gritando louvores a Seu Nome. Depois de alguns dias me foi permitido regressar à minha casa, porém ainda estava enfermo e fui obrigado a usar óculos por causa do astigmatismo, um defeito da vista. Minha cabeça tremia quando olhava algo fixamente.

CONVERSÃO E CHAMAMENTO

152 Eu comecei a buscar a Deus. Eu fui de igreja em igreja tratando de conseguir algum lugar onde fizesse essas chamadas de altar como faziam antes. O triste do assunto foi que não encontrei nenhum.

153 Uma noite senti tanta necessidade de Deus e de uma experiência real, que fui a uma velha cabana detrás da casa, e tratei de orar. Eu não sabia como orar, de modo que então simplesmente comecei a falar com Ele como falo com qualquer pessoa. De repente apareceu uma luz na cabana e formou uma cruz, e a voz da cruz me falava numa linguagem que não podia entender.

154 Depois se foi. Eu estava extasiado. Quando voltei a mim de novo, eu orei: “Senhor, se és Tu, por favor venha falar-me outra vez”.

155 Eu estava lendo minha Bíblia desde que regresssei do hospital, e havia lido I João 4: “Amados, não creiais a todo espírito, mas provai os espíritos se são de Deus.”

156 Eu sabia que algo havia me aparecido, e enquanto orava voltou a aparecer. Então foi quando pude sentir como se houvessem tirado mil libras de peso de minha alma. Saltei e corri para casa e parecia que eu estava correndo no ar.

157 Mamãe me perguntou: “Bill, que tem acontecido?” Eu lhe respondi: “Eu não sei, mas seguramente me sinto muito bem e muito leve.” Não pude permanecer mais tempo em casa. Tinha que sair fora e correr.

158 Eu sabia que se Deus queria que eu pregasse, Ele me curaria; portanto fui a uma igreja que cria na unção com óleo, e fui curado instantaneamente. Eu me dei conta que os discípulos foram batizados com o Espírito Santo, e por conseguinte, podiam curar os enfermos e fazer milagres poderosos em Seu Nome.

159 Assim sendo comecei a orar pelo Batismo do Espírito Santo. Um dia, como que seis meses mais tarde Deus me deu o desejo de meu coração. Ele me falou numa grande luz me dizendo que pregasse e orasse pelos enfermos e Ele os curaria sem importar que tipo de enfermidade. Então comecei a pregar e fazer o que Ele me disse que fizesse.

160 De vez em quando as pessoas têm me perguntado se eu tenho recebido o batismo do Espírito Santo. Isso sempre tem me impressionado como uma pergunta misteriosa. Porque é impossível que algum dom do Espírito Santo funcione livremente a menos que o indivíduo que possua o dom haja também recebido ao Doador do dom.

CAPÍTULO V

UM MATRIMÔNIO FELIZ E UMA FATAL DECISÃO

161 Logo depois de sua conversão e chamamento ao ministério, começou para ele um período feliz em sua vida, quando as bênçãos de Deus descansavam sobre o jovem pregador. Tudo parecia ir bem. Ele começou uma campanha sob sua tenda. Para um pregador jovem como ele, de vinte e quatro anos de idade, a campanha foi sumamente de êxito. Se estimou que três mil pessoas assistiram por noite a

campanha e houve muitas conversões. No serviço batismal que seguiu a campanha, umas 130 pessoas foram batizadas na água. Foi nesta ocasião quando apareceu uma luz celestial sobre a cabeça dele, quando batizava ao crente número 17.

162 Isto foi presenciado pela vasta multidão que olhava da margem do rio Ohio. Este sucesso foi publicado num jornal da localidade. As pessoas que haviam sido convertidas nesta campanha, lhe construíram um templo, o qual até o presente leva o nome de “Tabernáculo Branham”.

163 Os anos que seguiram foram de grande proveito e bênçãos nos quais as bênçãos do Senhor repousaram sobre ele. Neste tempo ele também recebeu algumas visões que ele não entendeu a plenitude até anos mais tarde, quando um revelação mais completa do plano de Deus para sua vida lhe foi dada a conhecer.

MATRIMÔNIO

164 Foi por este tempo que ele conheceu uma excelente jovem cristã, cujo nome era Hope Brumback. Depois de alguns meses de noivado, a jovem aceitou a proposta de William Branham, e se casaram. Deixemos ao Irmão Branham narrar em sua forma simples porém sempre dramática, a história de sua timidez, a proposta por carta, seu matrimônio e os eventos que seguiram:

165 “Eu era um moço do campo de pequena estatura e era muito tímido. Considerando o quanto eu era tímido, você talvez me perguntaria como foi possível que eu chegasse a me casar. Eu conheci uma boa moça cristã.

166 Eu a considerava maravilhosa. Minhas convicções exigiam um moça que não bebesse nem fumasse. Era difícil encontrar essa classe de moça então, e agora é pior.

167 Eu amava a esta moça porém eu não tinha suficiente coragem para lhe dizer. Porém sabia que tinha que fazê-lo logo - ela era muito boa moça para perder tempo comigo - pois talvez poderia aparecer outro pretendente. Eu ganhava apenas vinte centavos por hora e seu pai ganhava algumas centenas de dólares ao mês.

168 Todas as noites que a via dizia dentro de mim: “Vou falar-lhe nesta noite.” E quando ia falar, me formava como que um nó na garganta e tinha que deixar para outro dia. Já não sabia mais o que fazer. Sabem vocês o que tive que fazer por fim? Lhe escrevi uma carta a assim lhe disse.

169 Bom, aquela carta tinha um pouco mais de romance que um simples “Prezada senhorita”. Eu fiz o possível para escrever uma boa carta, porém mesmo assim eu creio com segurança que foi muito pobre. Pela manhã me preparei para colocá-la na caixa do correio; porém de momento me veio o pensamento do que poderia ocorrer se a carta caísse nas mãos de sua mãe. Porém de todas as formas tinha que fazê-lo porque eu não me atrevia a entregá-la pessoalmente. Finalmente tive suficiente coragem para colocá-la no correio na Segunda-feira pela manhã.

170 Eu deveria passar na casa dela na Quarta-feira para levá-la à igreja. Toda essa semana, de Segunda a Quarta passei nervoso. Chegou a Quarta e fui buscá-la. À medida que ia, pensei no que sucederia se sua mãe sáísse e me dissesse: “William Branham”. Eu sabia que eu me entendia bem com a moça, porém com a mãe não estava bem seguro.

171 Finalmente bati na porta e chamei a Hope, o qual era o nome da moça. Ela saiu à porta e disse: “Queres entrar?” Lhe disse: “Se não te pareceres mal, ficarei na escada.” Eu me reservei de não entrar na casa. Então ela me disse: “Está bem, estarei pronta em alguns minutos.”

172 Eu tinha um carro velho modelo T-Ford, porém ela me disse: “A igreja não fica muito longe, vamos caminhar.” Isto me alarmou e pensei que algo havia sucedido. Fomos à igreja porém ela não disse nada no caminho. Estava tão nervoso naquela noite que não ouvi nada do que disse o pregador. Você sabe, uma mulher pode manter-lhe em suspense.

173 Depois que saímos da igreja, começamos caminhar. Era uma noite de luar. Porém ela não me dizia nada. Por fim pensei que ela não havia recebido a carta. Isto me fez sentir melhor. Pensei que talvez o carteiro a houvesse entregado em outra casa. Logo voltei a mim novamente.

174 Então ela voltou e me disse: “Billy, recebi tua carta.” Então disse para mim: “E agora, que vou fazer?” Logo lhe perguntei: “A...a leste?” Ela disse: “Oh”. Me pus mais nervoso do que nunca. Já estávamos chegando perto da casa. Voltei a lhe perguntar: “Porém, a leste toda?” Ela disse: “Sim”. Já havíamos chegado às escadas. Me preocupava se ela iria me levar onde estava sua mãe. Lhe disse rapidamente: “Que achas disso?” Ela me respondeu: “Está bem”.

175 Eu não falei com a mãe, porém sabia que mais cedo ou mais tarde teria que falar com um de seus pais. Pensei que era mais fácil falar com o pai, uma vez que ele e eu nos entendíamos bem. Uma noite fui até ele; ele se encontrava assentado em seu Buick. Vocês sabem, eu só tinha um T-Ford. Então lhe disse: “Ouça-me! Este sim é um bom carro.”

176 E ele me respondeu: “Tu também tens um bom Ford.” Então eu lhe disse: “É...este, é...este...” Ele me olhou e me disse: “Está bem, Billy, podes te casar com ela.” Oh! Que alívio! Então lhe disse: “Porém você sabe, eu só ganho vinte centavos por hora fazendo valas. Porém eu farei tudo o que puder por ela, e lhe serei fiel e a amarei com todo meu coração.” Ele pôs suas mãos sobre meus ombros e me disse: “Billy, eu prefiro entregá-la a ti do que a qualquer outra pessoa que eu conheça, porque eu sei que tu serás bom para ela e a amarás.”

177 Nos casamos, não creio que houvesse lugar no mundo mais feliz que nosso pequeno lar. Era maravilhoso. Não tínhamos muita mobília: Uma cama dobradiça, uma almofada velha e um fogão que eu havia comprado de segunda mão e havia trocado a grade de ferro. Porém creia-me, aquele era um lar. Eu prefiro viver numa choça e ter favor com Deus, que viver na melhor casa que possa haver.

178 Tudo ia às mil maravilhas. Minha esposa economizava seu dinheiro para comprar um vestido que gostava muito. Eu me sentia tão bem quando podia fazer algo por ela. Aos dois anos tivemos um neném, o pequeno Billy Paul. Quando o ouvi chorar no hospital me pareceu ser um neném, e o entreguei ao Senhor antes de vê-lo.

ELE ASSISTE A UMA CONVENÇÃO DO EVANGELHO COMPLETO

179 Eu havia economizado algum dinheiro afim de comprar um equipamento de pesca a fui ao lago de Pawpaw em Michigan passar uns dias ali. Logo me vi em escassez de dinheiro e tive que regressar. Em minha viagem de regresso, ao atravessar o rio Mishawaka vi uma grande multidão que se reunia para uns cultos.

180 Me perguntei que classe de gente seria esta e decidi assistir também aos cultos. Foi aqui quando me relacionei pela primeira vez com os Pentecostais. Averigüei que esta gente havia se reunido para uma convenção. Eram pessoas bem expressivas, tudo isto era novo para mim. Começaram a cantar: “Sei que foi o sangue, sei que foi o sangue”.

181 Todo mundo batendo palmas. Eu disse: “Que classe de pessoas será esta?” Rapidamente se levantou um bispo que pregou sobre o batismo do Espírito Santo.

Quanto mais pregava, mais me convenciam do que talvez havia algo nisto. Decidi ficar outro dia mais. Como não tinha dinheiro suficiente para pagar um hotel, fui e meti o carro numa sombra de um milharal e ali passei a noite.

182 No dia seguinte me levantei bem cedo e fui à igreja. Eu havia comprado pão e leite, tratando de fazer render o pouco dinheiro que me restava. Quando cheguei na igreja, já havia bastante gente reunida para o culto da manhã. Naquela noite haviam muito pregadores assentados na plataforma. O líder disse: “Não temos suficiente tempo para ouvi-los pregar, mas vamos pedir a todos que se ponham de pé e digam seu nome.” Quando chegou minha vez me pus de pé e disse: “Evangalista William Branham”, e voltei a me assentar.

183 Na tarde seguinte puseram a pregar um irmão de côr, já velho. Me assustou que pusessem a pregar a um homem tão velho frente a uma congregação tão grande. Ele pregou sobre o tema “Onde estavas tu quando pus os alicerces da terra, quando todas as estrelas louvavam juntas?” Oh! Aquele ancião se remontou como a um milhão de anos antes que o mundo fosse criado.

184 Ele quase tocou tudo que havia no céu, logo desceu e pregou sobre o arco-íris e por ali seguiu até cobrir tudo o que havia na terra, até chegar à segunda vinda do Senhor. Ao terminar o sermão estava tão ágil como um homem jovem. Ao descer da plataforma ele disse: “Vocês não têm suficiente lugar para eu pregar.” Me dei conta que Deus havia feito algo por este homem que não havia feito comigo.

185 Quando começou a pregar me compadeci dele, mas quando já havia entrado em calor, então me compadecia de mim mesmo. Esta gente tinha algo que eu não tinha, e eu o queria. Naquela noite voltei à sombra do milharal e ali dormi novamente. Pela manhã, eu supus que ninguém me conhecia e decidi colocar uma calça que não era muito apropriada para a ocasião, porém a pus de todas as maneiras. A outra calça estava muito amarrotada por havê-la usado como travesseiro. Este era o último dia que ia poder estar ali, pois me restava apenas o dinheiro para gasolina. Fui para a igreja e quando cheguei estavam cantando e batendo palmas, louvando ao Senhor. Eu queria o batismo do Espírito Santo, se o Senhor me concedesse.

LHE PEDEM QUE PREGUE NA CONVENÇÃO

186 O ministro encarregado se pôs de pé e disse: “Temos tido o serviço de testemunhos dirigido pelo pregador mais jovem aqui. O outro pregador jovem que segue a este é William Branham, de Jeffersonville”. Ele disse: “Venha, Reverendo Branham, se está no edifício.” Creiam-me, isto me assustou. Olhei para baixo e me dei conta das calças que havia vestido. Fiquei quietinho.

187 De fato, eu nunca havia visto auto-falantes. Eu não queria me pôr a pregar frente a todos estes pregadores tão tremendos. Voltaram a chamar: “Alguém sabe onde está o Rev. Branham?” Desta vez me abaixei mais ainda em meu assento. Outra vez voltaram a chamar.

188 Um irmão de côr que estava assentado a meu lado, me perguntou: “Sabe quem é?” Esta vez não ia mentir, portanto lhe disse: “Sim, eu sei quem é”. Ele disse: “Vá e busque-o”. Lhe disse: “Ouça-me, eu sou o Irmão Branham, porém é que eu não quero subir à plataforma com estas calças”. Então ele me disse: “Esta gente não olha na forma como você de veste, eles olham é o que há em seu coração.”

189 Então lhe disse: “Por favor, não diga nada.” Porém este homem de côr não agüentou um momento mais. Gritou: “Aqui está, aqui está.” Meu coração quase desmaiou. Não sabia o que fazer. Porém naquela noite na sombra do milharal eu

havia orado ao Senhor: “Senhor, se esta é a gente que eu sempre tenho anelado encontrar, tão alegre e livre, conceda-me favor com eles.”

190 Bom, o Senhor me concedeu favor diante deles, porém eu sempre tenho detestado me colocar diante de uma congregação com aquela classe de calças. Todo o mundo tinha o olhar posto em mim, tinha que fazer algo. Fui à plataforma. Meu rosto estava corado. Quando vi aqueles microfones frente a mim, disse: “Porém que é isto?” Orei ao Senhor: “Senhor, se alguma vez tens ajudado a alguém, ajuda-me agora.”

191 Abri minha Bíblia e meus olhos fitaram o versículo: “O homem rico levantou os seus olhos no inferno”. E dali preguei: “Então dava ele gritos. Ali não haviam cristãos e ele chorava. Ali não haviam igrejas e ele gritava. Ali não haviam flores e ele gritava. Ali não estava Deus e ele gritava.” Eu era um pregador formal, porém à medida que pregava, algo se apoderou de mim, e o poder de Deus desceu na congregação.

OS IRMÃOS O CONVIDAM A DIRIGIR AVIVAMENTOS

192 Depois que terminou o culto que durou como que duas horas ou mais, saí fora. Um pregador se aproximou de mim, um homem alto com botas de vaqueiro, ele mesmo se apresentou. Me disse: “Eu sou do Texas e tenho uma boa igreja ali, o que você acha de ter duas semanas de cultos comigo?” Outro pregador da Flórida veio e me disse: “Ouça, o que você acha de estar comigo para uns cultos?” Tomei uma folha de papel e comecei a anotar todos aqueles endereços que me davam, e num momento tinha suficiente convite para cobrir um ano completo.

193 Oh! Quão contente eu estava! Saltei para meu velho carro e fui para Indiana. Quando cheguei em casa, minha esposa saiu correndo e pôs seus braços sobre mim, me olhou e me perguntou: “Por que estás tão contente?” Lhe disse: “Me encontrei com as pessoas mais contentes que tenho podido encontrar. Na verdade estão sempre contentes e não se envergonham de sua religião.

194 Algo tem se passado comigo desde então. Eles me puseram a pregar em sua convenção e, o que é mais importante, têm me convidado para que eu pregue para eles em suas igrejas.” Então lhe disse: “Vais comigo?” Ela me respondeu: “Amor, eu tenho prometido ir contigo aonde quer que seja até que a morte nos separe.” Queria o Senhor premiar seu fiel coração.

195 Então decidi ir e contar a mamãe. Quando eu cheguei a ela lhe disse: “Mamãe, tenho algo a te dizer.” Então lhe contei dos convites. Ela me perguntou: “E que vais fazer para conseguir dinheiro?” Tínhamos apenas dezessete dólares para nós, porém sentimos que o Senhor supriria.

196 Me abraçou e me abençoou. Ela ainda ora por mim. Ela me disse: “Filho, nós tínhamos essa classe de religião em nossa igreja anos atrás, e sei que é real.”

UMA DECISÃO FATAL

197 Amigos, o que vou dizer agora, espero que sirva para vosso ensino. Deixe que meus erros resultem em bênçãos para vós. Familiares e amigos me aconselharam para que eu não aceitasse o que eu sabia ser o chamado de Deus para mim. Alguns me disseram que as pessoas com quem eu havia me encontrado na convenção, eram “lixo”. Logo me dei conta, e o digo com reverência, que o que eles chamam “lixo” é a nata da sociedade.

198 Me disseram também que minha esposa não teria suficiente para comer, que um dia comeria e no outro teria que jejuar. Outros me disseram que era meu dever ficar em Jeffersonville atendendo a obra ali. Eu lhes ouvi e decidi ficar em Jeffersonville e não sair. Nunca podíamos imaginar o que nos aconteceria oito meses

depois quando fomos apanhados, minha família e eu na grande tragédia da desastrosa inundação do rio Ohio no ano de 1937.

199 Foi neste tempo que a unção de Deus, que havia vindo sobre mim, me deixou. Realmente não tornou a regressar até cinco anos mais tarde. Minha igreja até então havia sido uma igreja próspera, porém havia começado a decair. Tudo começou a ir mal. Com minha igreja decaindo, não soube o que fazer. Então começou o período negro de minha vida, quando a inundação do rio Ohio matou muitas pessoas e fui também responsável pela morte de meus dois seres mais queridos.

A GRANDE UNUNDAÇÃO DO RIO OHIO NO ANO DE 1937

200 O inverno de 1937 foi muito severo em toda a nação. Grandes nevadas caíram cobrindo por dias a parte noroeste do país, porém foi realmente no leste onde a tragédia foi mais terrível. Espessas e longas chuvas caíram continuamente por semanas, alimentando assim todos os afluentes que desembocavam no grande rio Ohio, no qual deságua toda a área oeste dos Apalaches.

201 Gradualmente o rio sobrepassou seu nível, causando grande perigo de inundação. Grande quantidade de pessoas que viviam às margens do rio notou isto com não pouca malícia e preocupação, vendo eles que as águas não diminuam, mas que aumentavam, buscando saída pelo vale abaixo.

202 Dia após dia, a água ia subindo. As represas foram fortalecidas, porém as pessoas sabiam que com uma pequena mudança que ocorresse nas águas, seria suficiente para que o rio cobrisse toda aquela área de terra semeada e cidades que haviam sido edificadas ao longo do rio. Na margem norte do rio, oposta a Louisville, Kentucky, está a cidade de Jeffersonville. De todos os que viviam na cidade, talvez a ninguém surpreendeu este desastre em tempo tão oportuno como a William Branham.

203 Sua esposa havia contraído uma séria infecção nos pulmões. Devido a esta circunstância, toda sua atenção e interesse estavam em seu restabelecimento. Notícias chegaram a eles, tal como aos demais habitantes, de que a crista da inundação estava se movendo lentamente para a parte baixa, e que já parecia que as debilitadas represas já quase não agüentavam. Parecia que Jeffersonville estava fadada à ruína; apesar de tudo isto, muitas pessoas ainda permaneciam ali.

204 Ao escurecer, William Branham estava prestando serviço de emergência, trabalhando com a patrulha de resgate, patrulhando as enfurecidas águas do rio, que cada vez cresciam mais. Ao meio dia as sirenas começaram a soar, dando aviso a todos os habitantes que abandonassem a cidade, seus temores chegaram a se fazer realidade.

205 As buzinas nas estações de bombeiros soavam na entenebrecida noite. A família Branham e milhares de outras famílias foram forçadas a escapar por suas vidas. A esposa, estando seriamente enferma e numa condição crítica que não lhe permitia expor-se à tormenta, teve que ser levada a um hospital provisório instalado pelo governo em terras mais altas. A saída fez com que os dos pequeninos fossem afetados com pneumonia.

206 O pai os levou também ao hospital, onde foram atendidos numas camas improvisadas às carreiras, onde outro grande número de vítimas esperava ser atendido por tão atarefado pessoal.

207 Aquele era um lugar muito pobre para um hospital, e para agravar a situação as portas se abriam e se fechavam a cada momento, pois a cada instante entravam e saíam mais pessoas apressadamente, gritando histericamente. Suas casas haviam sido arrasadas pela forte corrente.

208 Por mais que desejasse ficar ao lado de seus familiares, o jovem ministro se deu conta que tinha responsabilidade de regressar e ajudar a patrulha de resgate que tinha estado trabalhando toda a noite freneticamente. Havia sido dado aviso de mais tragédias em diferentes pontos, à medida que as impetuosas águas inundavam toda a cidade e o outro lado no campo.

209 A ele foi dado aviso de dirigir-se a certa rua onde as águas haviam sacudido muitas casas desde os seus alicerces. Manobrando um bote, ali se dirigiu atravessando as furiosas águas nesta área. De repente sua atenção foi atraída para um penoso panorama. Uma mãe com seu garoto de pé na sacada superior de sua casa, desesperadamente fazia sinal pedindo ajuda. Na narração deste momento tão dramático, deixaremos ao Irmão Branham descrever o sucedido.

210 “Ouvi a alguém que gritava, ao olhar, notei uma mãe com seu menino parada na sacada superior de sua casa que já se balançava ao ser golpeada pelas grandes ondas. Eu tenho vivido no rio praticamente toda minha vida, e pensei que eu podia ajudar a resgatar a esta mulher, mesmo que tivesse que arriscar a minha vida por ela e por seu garoto, então me dirigi para a casa. Depois de havê-los colocado no bote, a senhora quase desmaiou; e se mantinha lamentando por algo concernente ao seu menino e eu pensei que talvez ela houvesse deixado um menino em sua casa.

211 Logo depois de tê-los a salvo em terra alta, tratei de regressar, porém já era muito tarde; as águas vinham com tremenda força, a corrente era muito forte e eu também fui apanhado nela. Oh, eu nunca poderei esquecer como me senti então, tantas coisas passaram por minha mente; como havia tratado de viver uma vida cristã, como havia pregado a Palavra da melhor maneira que eu havia podido, porém agora parecia como se tudo estivesse contra mim.

212 Quando finalmente pude controlar meu bote, o pus em terra então fiz tudo o que pude para encontrar o hospital do governo (já faziam quatro horas que eu havia saído dele). Quando cheguei, encontrei que a água havia invadido aquele lugar e que as pessoas haviam sido tiradas do mesmo.

213 Não sabia onde haviam posto a minha esposa e ninguém podia me informar. Oh, quão triste me senti naquela hora! Continuei perguntando, e finalmente um oficial me disse que eles haviam sido enviados em um trem rumo a Charleston, uma cidade como que a doze milhas acima de Jeffersonville, para onde me dirigi imediatamente para ver se podia encontrá-los.

214 Outro rio mais acima de nós havia transbordado, inundando com suas águas como que cinco milhas entre aquele lugar e Charleton; varrendo as casas dos agricultores, e eu sabia que o trem tinha que passar por este território. Não havia forma de saber se o trem havia passado antes de suceder isto ou se havia sido arrasado pelas águas.

215 Por um bom tempo estive sem saber nada, porém logo soube que o trem havia passado antes. Consegui uma canoa e tratei de ir contra as águas, porém eram muito fortes. As águas me levaram a um lugar chamado Fort Fulton, com meus amigos ali estivemos por quase duas semanas. A comida que nos davam já era muito pouca e todavia não sabia nada de minha esposa e de meus meninos.

216 Tão logo quanto as águas baixaram, segui procurando-os. Não sabia se minha esposa, meninos, minha mãe e irmãos estavam vivos ou mortos. Deus sempre se mantinha falando a meu coração, eu pensava naqueles que não tinham esperança naquela hora.

217 No outro dia atravessei as águas e comecei a busca na cidade de Charleston. Ninguém ali sabia se aquele trem havia chegado, nem tão pouco sabia de ninguém

por nome Branham. Enquanto caminhava desalentado por aquelas ruas, me encontrei com um velho amigo: Sr. Hay. Ele me abraçou e me disse: “Billy, os encontraremos em algum lugar.”

218 Fui ao diretor de trens e lhe perguntei quando havia chegado o trem e para onde havia ido, porém ele tão pouco pôde me ajudar. Já faziam duas semanas e haviam ocorrido mais e mais desmoronamentos e inundações e ele cria que havia ido mais além, a algum lugar em Indiana.

219 Um engenheiro de pé ao meu lado falou e disse: “Oh, eu recordo desse caso. Uma mãe com dois meninos enfermos. Os deixamos em Columbus.” Ele me disse: “Jovem, tu não poderás chegar ali, as águas tem detido os trens.” Novamente recebi mais notícias.

220 Porém eu ia encontrá-las de todas as formas. Comecei a caminhar rua abaixo, chorando, com meu chapéu em minhas mãos. Oh Senhor! Só o fato de pensar nisto me faz recordar muitas coisas. Logo um carro se deteve a meu lado e a voz de um bom amigo exclamou: “Billy Branham, entre. Sei a quem buscas: Tua esposa e teus meninos”. Lhe respondi: “Sim”. Ele me disse: “Eles estão em Columbus no hospital. Tua esposa está à beira da morte.” Desesperadamente lhe perguntei: “Há alguma forma de chegar lá?” Ele me respondeu: “Sim, eu posso te levar lá, eu encontrei um caminho secreto por umas vias, deixando o rio a um lado.” Chegamos a Columbus naquela noite.

CAPÍTULO VII

O DOUTOR DÁ POR PERDIDO O CASO DE HOPE

221 Me apressei para a igreja Batista que estava usada como hospital, gritando seu nome. A encontrei. Ai! Oh Senhor! Estava quase morta. Perguntei pelos meninos; ambos estavam bem debilitados, estavam em casa de minha sogra. Me ajoelhei ao lado da cama onde ela estava deitada. Seus olhos me olharam dando a entender seu intenso sofrimento, enquanto eu tomava sua delgada e pálida mão na minha e orava da melhor maneira que eu podia; porém aparentemente sem nenhum resultado, não havia resposta. Ela piorava. Um atendente me perguntou: “Não é você amigo do Dr. Sam Adair?” “Sim”. “Deixe-me dizer-lhe, reverendo, sua esposa se vai.” Suplicando eu lhe disse: “Seguramente que não”. “Sim”, respondeu ele gravemente e se foi.

DESESPERO - ENTÃO UM SONHO DO CÉU

222 Regressei para casa e tratei de limpá-la da melhor maneira que pude dos resultados da inundação. O doutor Adair já havia me dito que podia trazer a minha esposa e os meninos para casa, por isso já havia tratado de fazer daquele lugar o mais confortável que me era possível. A luta que tive para salvá-los foi grande. Os enviei a um especialista em Louisville, porém em vão, já estavam demasiadamente graves.

223 Eu estava seguro que minha esposa não sabia disto. Ela foi muito valente durante toda esta luta. Voltamos a levá-la para o hospital para lhe dar o tratamento devido. Nada a melhorava. Tiramos raios X e encontramos tuberculoses penetrando mais e mais nos pulmões.

CHAMADA DE EMERGÊNCIA

224 Um dia me chamaram no trabalho... (eu estava trabalhando para sair das dívidas. Já devia centenas de dólares). Me disseram: “Se quiseres ver a tua esposa viva, venha imediatamente.” Entrei no meu carro e às pressas me dirigi ao hospital.

Subi as escadas tão rápido quanto pude e a primeira pessoa que encontrei no corredor foi meu bom amigo Dr. Adair. Ele e eu temos sido como irmãos desde pequenos. Quando olhei para ele entendi que tinha más notícias pra mim.

225 Me disse: “Temo que já se haja ido”. Cobriu seu rosto e se foi à ante-sala. Tratei de conter-me; lhe disse: “Venha comigo, Sam”. “Não posso”, me respondeu, “ela tem sido como uma irmã para mim, não posso voltar ao quarto, Bill.”

226 Me dirigi só ao quarto, então ele chamou a uma enfermeira para que entrasse comigo. Quando a vi, cri que já estava morta, tinha o rosto coberto com um lençol. Só estava o esqueleto do que ela era...tão pálida e magra... Oh, Senhor! A tomei pela mão e comecei a apertá-la. Eu gritava: “Amor, responda-me...Senhor, por favor, permita que volte a falar comigo ainda que seja pela última vez”. Ela já havia cruzado ao outro lado...Porém de repente ele se voltou e me olhou. Ela abriu aqueles grandes e belos olhos castanhos. Tratou de levantar seus braços para receber-me, porém estava tão fraca, então eu me achequei a ela.

227 Entendi como que ela quisesse me falar, queria dizer-me algo. Amigos, isto foi o que ela me disse (em parte). Estará em minha memória até que volte a vê-la.

HOPE DESCREVE O PARAÍSO

228 Ela disse: “Quase já me havia ido. Por que me chamaste?” Lhe disse que eu não sabia que a havia interrompido. Ela começou a descrever o paraíso de onde eu a havia chamado, como era aquilo...! Árvores famosas, flores, passarinhos cantando, não havia mais dor em seu corpo. De repente pensei que não devia havê-la chamado... (porém ditoso coração, ela tem estado gozando esse lugar desde então). Ela reviveu por um momento, e me disse que ela havia sido levada a seu lugar por um anjo. Ela ouviu que eu a chamava de bem longe, à distância.

229 Amigos, há uma cidade além do rio, em algum lugar no mais além. Talvez a milhões de anos luz de distância, porém está ali... e nós nos dirigimos para este lugar.

RECORDA DE PEQUENAS COISINHAS EM SUAS ÚLTIMAS HORAS

230 Ele me descreveu quão formoso era aquele lugar. Me disse: “Amor, tu tens pregado acerca dele, tens falado dele, porém tu não podes imaginar quão maravilhoso é.” Ela desejava voltar para aquele lugar. Se deteve por um momento e me disse: “Há duas ou três coisas que quero que saibas”. Lhe perguntei: “Que é?”

231 “Recordas, Bill”, - começou ela - “de uma vez que tu foste comprar um par de meias para mim?” (Recordo dessa ocasião. Ela estava se vestindo para ir comigo a um culto em Fort Wayne e necessitava de um par de meias).

232 Me pediu que comprasse um par tamanho único de rayón ou chiffón. Eu nunca havia podido recordar nada que tivesse haver com roupa de mulher, então fui rua abaixo repetindo dentro de mim: “Chiffón, chiffón”. Alguém me cumprimentou, eu lhe respondi: “Olá, chiffón, chiffón”.

233 Então me encontrei com um amigo mais adiante, e começou a me dizer quão boa estava a pesca, me pus a falar com ele e me esqueci a classe de meias que ia comprar. Eu ia comprá-las em Penney’s; então recordei que ali trabalhava uma moça que eu conhecia, e sabia que ela podia me ajudar, se lhe contasse minha situação.

234 Me apressei ao lugar... (o nome dela era Therma Ford, agora é vizinha minha). Lhe disse: “Therma, quero comprar um par de meias soquete para Hope”. Ela riu em minha cara. “Estás enganado, Billy, Hope não usa soquetes, ela usa meias para senhoras.” Lhe disse: “Pois então, dá-me um par.”

235 Ela me perguntou: “Que tipo de meias ela quer?” Então lhe perguntei: “Que tipo tens?” - esperando que ela mencionasse a classe de meias que eu procurava, porém que havia esquecido - ela disse: “Rayón, chifón, etc.” Infelizmente mencionou primeiro o que não era, mas como me pareceu ao que Hope havia me dito, lhe disse: “É esse mesmo.”

236 “Tu queres dizer que Hope quer meias rayón?” Me perguntou ela. “Isso foi o que ela me disse”, lhe respondi. Então ela as embrulhou. Quando fui pagá-las encontrei que custavam apenas 39 centavos, então comprei outro par.

237 Quando cheguei em casa para entregar-lhe as meias, comecei a gracejar com ela, (Vocês sabem como o homem da casa gosta de mostrar-se como um bom comprador). Lhe disse que desta vez havia sido eu que havia encontrado algo especial, então lhe dei as meias.

238 Ela não me disse nada, porém notei que não estava muito satisfeita. Então quando chegamos a Ford Wayne notei que voltou a comprar outras meias ali. Ela era suficiente dama para não me dizer que havia cometido um êrro naquele instante. Porém pensava nessas pequenas coisinhas na hora de sua partida.

ECONOMIZAVA DINHEIRO PARA COMPRAR UM RIFLE PARA SEU ESPOSO

239 Sua vida ia decaindo, porém ela continuava, “Te recordas do rifle que tu querias comprar em Louisville e não tinhas com que comprá-lo?” Quão bem me recordo disso... sempre tenho sido um caçador e quando vi aquele rifle em particular, pensei, quanto me agradaria possuir aquele rifle.

240 “Sim” - eu cuidava para que ela não visse minhas lágrimas. - Continuou ela dizendo: “Eu tenho estado economizando todos os meus centavinhos para comprá-lo para você. Eu já estou quase me indo, mas quando chegares em casa encontrarás o dinheiro debaixo de um papel na parte de cima do armário.”

241 Você nunca poderá imaginar como eu me senti quando encontrei aqueles seis ou sete dólares. Ela os havia estado economizando para comprar para mim aquele rifle. O comprei e ainda o tenho, e o terei enquanto puder, e depois o darei a meu pequenino.

SUAS ÚLTIMAS PALAVRAS

242 Recordo que foi nesta ocasião que ela me disse que não ficasse solteiro, que procurasse uma boa moça cristã cheia do Espírito de Deus para que cuidasse dos meninos. Eu não queria prometer-lhe isso, porém finalmente o fiz para agradá-la. Minutos depois me disse debilmente: “Bom, Bill, já me vou para o outro lado.”

243 “Não fales assim”, lhe roguei.

244 “Não me preocupa ir”, me disse, “depois de haver visto quão maravilhoso é”.

245 “Te vais agora deveras, querida?” Lhe perguntei com lágrimas em meus olhos.

246 “Sim, me vou”, ela me disse, “me prometes pregar este precioso Evangelho sempre?” Lhe prometi.

247 Me disse: “Bill, Deus vai te usar.” (Ditoso coração...as vezes penso se Deus a deixará olhar sobre nós enquanto vamos de um lugar a outro cumprindo nosso ministério, tratando de obedecer o chamado que ela sentiu que Deus enviaria).

248 Ela continuou falando: “Tu tens sido um bom esposo.” Perto de nós estava de pé a enfermeira e ela lhe disse: “Gostaria que tu tivesses tão bom esposo como tenho tido eu.” Isso quase destróçou meu coração, porém sabia que tinha que conter-me por ela.

249 Tratei de sorrir e lhe disse: “Querida, se te fores, te enterrarei ali em Walnut Ridge até que Jesus venha. E se eu também dormir antes desse tempo, certamente estarei a teu lado.” Lhe disse: “Se não, estarei no campo de batalha em algum lugar.”

250 Enquanto seus suaves olhos castanhos iam se apagando, continuei dizendo: “Quando chegares ali na nova Jerusalém...procure na parte leste do portão e comece a chamar meu nome...Quando vires a Abraão, Isaque, e Jacó, Paulo, Estevão e os demais subirem ali, querida, eu estarei ali. “Ela fez com que eu me abaixasse e se despediu de mim dando-me um beijo...Então se foi para estar com o Senhor.

251 Aqui estou...batalhando ainda, trabalhando, fazendo tudo para cumprir essa promessa.

AVISAM QUE SUA MENINA ESTÁ MORRENDO

252 Depois que ela partiu, fui para casa para ver como estavam os meninos. Desesperadamente procurava tranqüilidade mental. Fui para casa de minha mãe...fui para nossa casa, a casa de Hope e minha. Nada me satisfazia. Não podia descansar. Muitos de vocês sabem o que eu quero dizer.

253 Naquela noite fui para cama e tratei de dormir. Alguém bateu na porta. Pensei: “Quem poderá ser agora...?” Uma voz chamou e disse: “Billy, tua pequena está morrendo.”

254 Nunca poderei esquecer aquela noite que me deram a notícia. Eu disse: “Oh, Senhor, que é isto?” Como se não fosse suficiente a morte de minha esposa naquele dia, este amigo vem com a notícia de que minha pequena está morrendo. Quando entramos em sua caminhoneta para ir ver a pequenina, pensei que a vida já estava por terminar. Como era possível que essas coisas sucedessem?

255 Quando chegamos, a encontramos bem grave, quase morrendo. O Dr. Sam Adair, a havia examinado. Ele disse que já não sabia o que fazer por ela, porém de todas as formas fomos com ela para o hospital. Ali também um especialista disse que havia muito pouca esperança. Me levaram ao laboratório do hospital e ali me mostraram o germe que haviam tirado de sua espinha dorsal.

256 Ela tinha meningite espinhal que havia contraído de sua mãe. Não havia oportunidade alguma de que ela pudesse melhorar. Ela sem dúvida morreria muito logo. Não posso expressar com meus lábios como aquilo destróçou meu coração. Tudo ia mal e além do mais isto estava sucedendo. Isto nos leva a pensar que você nunca sabe o que lhe espera no futuro.

257 Logo fui ao sótão para ver minha pequenina; porquanto ali eles põem os casos de isolamento. Ali a vi deitada. Cada vez que penso nisto, meu coração aflige dentro de mim. Era verão e o pessoal estava tão atarefado, que eu sabia que não estavam lhe dando a atenção devida. Ao entrar no quarto a olhei e ela também tratou de olhar-me.

258 Já era suficientemente crescida para estar gordinha e brincalhona. A pobrezinha não havia podido se recuperar do espasmo que lhe causou a meningite. Estava em uma condição horrível. Oh, que cena tão triste!

259 Me ajoelhei perto da cama e comecei a orar. Eu gritava: “Senhor, por favor, não leves minha neném.” Eu sabia que havia cometido um êrro ao não haver deixado tudo de um lado para dedicar-me por completo à obra evangelística. Eu creio que então o dom estava pronto para ser manifesto, porém eu havia sido negligente em ir.

260 Me joguei no piso e comecei a orar e a clamar pedindo a Deus que salvasse sua vida. Parecia como se um cortina negra estivesse pendurada no meio, e ela se submergia. Me levantei, a olhei e lhe disse: “Sharon, não conheces o papai?” Creio

que ela sabia que eu estava ali. Parecia que tratava de mover sua pequena mão e seus lábios tremiam como se quisesse chorar...Foi trágico. Sua agonia foi tanta que seus olhinhos se cruzaram. Oh, cada vez que vejo um menino zarolho me recordo daquela ocasião, quando os olhos de minha menina se cruzaram de tão profundo sofrimento. Vocês que têm meninos, imaginam como eu me sentia.

MÃE E FILHA ENTERRADAS JUNTAS

261 Orei e pus minhas mãos sobre ela. Porém os anjos vieram nuns momentos depois e levaram a pequena para estar com sua mãe. Eu regresssei à casa solitário e preocupado. Dois dias depois a enterramos nos braços de sua mãe.

262 Recordo de mim de pé junto à tumba com meu coração destróçado. O Irmão Smith, ministro da Igreja Metodista da cidade, pregou um sermão para ambas. Oh! Como me sentia! Foi algo muito forte de suportar. De algum modo ao ver as folhas das árvores se moverem, me veio à memória aquele velho hino:

“Há uma terra além do rio,
que chamamos doce e eterna.
Que somente alcançaremos pela fé.
Um a um de entrar havemos,
Neste Lar de bem supremo,
Quando o Salvador chamar a mim e a ti.

263 Eu sei que algum dia a tumba terá que se abrir, porque em Jerusalém há uma tumba vazia. Sei que a sua tumba também haverá de se abrir, porque elas creram em Jesus Cristo, seu Redentor ressuscitado.

264 Regressei para casa e comecei a trabalhar, tratando de fazer tudo que estava em meu alcance para pagar todas as minhas grandes dívidas que tinha. Recordo de uma manhã quando lia um aviso num posto da rodovia 150, perto de New Albany. Eu cantava dentro de mim: “No monte calvário estava uma cruz, emblema de afronta e dor.” O sol brilhava muito mais naquela manhã, e o poste formava uma sombra sobre uma colina frente a mim, foi em tal ângulo que a sombra que projetava sobre a colina estava formando uma cruz.

265 Ali estava a cruz novamente!

DESALENTO E DESESPERO PELA MORTE DOS SEUS SERES QUERIDOS

266 Eu queria ir e estar com minha família. A vida não tinha nada a me oferecer. Tudo para o qual eu vivia estava no outro mundo, sem eles, meu destróçado coração não podia encontrar coragem suficiente para continuar lutando...Porém creio que foi a vontade de Deus que o dom se mantivesse...Ele tinha um plano, o qual haveria de levar a cabo. Eu estou seguro de que todas estas tragédias e profunda dor pela qual tive que passar, foi com o propósito de me trazer ao lugar onde Ele pudesse me usar, Deus sabe melhor o que convém.

267 Desci do poste, estava todo suado. Tirei as esporas, deixei de trabalhar e fui para casa. Entrei em casa e desesperadamente tratava de buscar algo que minorasse a dor que embargava minha alma. Porém nada parecia aliviar minha dor e meu sofrimento. Que poderia remediar uma casa vazia...? Tudo em casa estava tal como ela havia deixado. Tudo quanto olhava me fazia recordá-la.

268 Enquanto caminhava pela casa com esta ferida sangrando no profundo de meu ser, de repente pus minha vista numa carta que havia chegado. Em cima li as seguintes palavras:

Srta. Sharon Rose Branham

269 Meu coração voltou a estremecer novamente. Era uma carta do Banco com um cheque dentro que lhe haviam devolvido, creio que chegava a soma de \$1,80.

270 Oh! Comecei a chorar como um menino jogado no piso. Estava tão deprimido; tudo parecia tão difícil de sobrelevar. Ali de joelhos lhe disse: “Senhor, se Tu não me ajudares, não sei o que farei!”

CAI NUM PROFUNDO SONO...SONHO DO CÉU

271 De repente caí num profundo sono...(o qual foi um grato alívio). Enquanto dormia, sonhei que estava no oeste (eu sempre tenho amado o Oeste); caminhava por aquele lugar com um par de botas e um chapéu muito grande, típico do Oeste.

272 Passei pelo lado de um desses vagões cobertos; tinha uma roda quebrada, e eu estava assobiando o hino, “A Roda do Vagão está Quebrada.” Me assustei ao ver uma moça de uns 17 a 18 anos. Parecia um anjo de pé ali vestido de branco, o vento movia seus cabelos ruivos e os seus belos olhos azuis brilhando.

273 Lhe disse: “Bom dia, senhorita”, e segui caminhando; porém ela disse:

274 “Olá papai.”

275 Lhe disse: “Perdoe-me, porém não entendo. Como posso eu ser seu pai? Como, se somos da mesma idade? Você está enganada.”

276 “Papai, o que sucede é que tu não sabes onde estás”, respondeu ela. “Embaixo na terra, eu era tua pequena Sharon.”

277 Lhe disse: “Tu não és ela.”

278 Ela me disse: “Sim, ali na terra eu era tua pequena Sharon.”

279 “Porém tu eras uma menininha”, lhe disse.

280 Então ela me trouxe à memória: “Papai, não te recordas de teu ensinamento quanto à imortalidade?”

281 Lhe disse: “Seguro que sim, me recordo do que tenho ensinado acerca disso. Então...é por isso que tu estás aqui?”

282 “Papai, onde está Billy Paul?”, me perguntou (esse é o menininho). Lhe disse que havia estado comigo a uns poucos momentos.

283 Me disse: “Mamãe está te buscando, papai; eu vou ficar aqui e esperar até que Billy Paul venha.”

284 “Onde está mamãe?”, lhe perguntei.

285 “Olha para a tua direita”, me disse. Olhei ao redor à minha direita. Oh, pareciam como que flechas de uma luz gloriosa alumando sobre a montanha! Formosas mansões entre lombadas verdes, flores, árvores. Não há linguagem que seja capaz de descrever o que estava vendo!

286 Sharon estava me apontando uma daquelas mansões, e me disse que fosse ali, que aquele era meu lar e que mamãe me esperava ali. “Minha casa?” Perguntei assombrado. “Como pode ser? Nunca tenho tido casa.”

287 “Está bem, papai, agora tens uma. Vá lá agora, que eu esperarei a meu irmão.”

SE ENCONTRA NOVAMENTE COM SUA ESPOSA

288 Comecei a subir por um pequeno caminho que conduzia à mansão; quando cheguei a este formoso lugar, vi a minha esposa que saiu a me receber belamente vestida de branco, seus belos cabelos negros lhe caíam sobre seus ombros. Eu não posso expressar com palavras o que sentí ao vê-la novamente.

289 Lhe disse que me explicasse tudo aquilo. Não podia entender como podia ser isto. Conversamos como sempre fazíamos, lhe dizia como nossa pequena menina já

havia chegado a ser uma jovem formosa, ela estava de acôrdo. Porém eu não podia entender.

290 Ela me disse: “Sei que não podes entender isto, as coisas terrenas não são como estas aqui. Este é o Paraíso.”

291 “Porém é que não posso entender isto quanto a estas mansões. É tua?”

292 “Sim, é nossa morada eterna.”

293 “Não posso entender como é que eu tenha o privilégio de estar num lugar como este.”

294 Então ela em voz suave me falou: “Depois de todos teus trabalhos e cansaços pelos quais tiveste que passar na terra, agora tens vindo a teu lar descansar. Porque não te assentas?”

295 Dei a volta para me assentar e ali havia uma cadeira bem grande para mim...uma cadeira Morris...olhei a cadeira e então olhei a Hope. Ela sorriu e me disse: “Sei o que pensas.”

296 Vou lhe dizer o que pensava. Quando nos casamos, não tínhamos móveis, quase não tínhamos nada em nosso pequeno lar...Só uma cama dobradiça um pouco velha por certo e nos havia sido dada como presente. Um fogão que eu havia pago \$1,25 por ele e tive que comprar duas grades para trocar as que tinha. Um tapete de linóleo no quarto da frente...porém desfrutamos disso e éramos felizes nele, porque tínhamos verdadeiro amor.

297 Algo que sempre havia desejado ter era uma cadeira Morris. Eu trabalhava duro todo o dia e à noite pregava, chegava em casa tarde da noite e por isto desejava ter uma dessas cadeiras para descansar quando chegasse do serviço.

298 Um dia decidimos que podíamos comprar uma, então fomos à cidade, do outro lado do rio e vimos algumas. A que compramos era de cor verde...Nunca a poderei esquecer. Me custou uns quinze dólares. Tive que dar três dólares de entrada e um semanal.

299 Bem, estive pagando bem até que já havíamos dado uns dez dólares, logo me vi um pouco apertado e não pude seguir pagando. Vocês sabem como a gente se sente quando não pode cumprir com os compromissos, não podendo terminar com a dívida que havia começado.

300 Um dia disse a ela: “Querida, vai ter que chamá-los e lhe dizer para virem buscar a cadeira, porque temos atrasado já umas duas ou três vezes, e já têm nos enviado um aviso, e eu não posso fazer outro pagamento agora. Tu saber que temos outras dívidas a pagar, assim sendo, temos que entregá-la.”

301 Ela me disse: “Eu não quero fazer isto.” Então a tivemos dois ou três dias mais. Recordo que uma noite cheguei em casa, vinha do trabalho, e a cadeira havia sido levada. Ela me amava tanto, que me fez um pastel de morangos tratando de fazer com que eu não notasse o que havia sucedido. Ela fez tudo o que pôde para aliviar meus sentimentos. Me recordo quando fui ao quarto me assentar para descansar e a cadeira não estava ali, passamos um momento chorando juntos. Ela era tão dócil.

302 Então, de pé ali em meu sonho, ela me disse: “Eu creio que tu recordas de tudo que sucedeu com a cadeira...Bem, esta não vão tirar de você...já está paga. Assenta-te e descansa.” Oh, quão feliz me sentia!

303 Sem dúvida alguma, Deus me deu suficiente força para seguir adiante. Eu pregava e trabalhei em diferentes trabalhos, finalmente cheguei a ser um guarda florestal em Indiana. O mesmo trabalho que tinha quando o dom veio a mim no ano de 1946.

304 Deus me tem abençoado grande e preciosamente, pelo que humildemente lhe dou graças. Por alguns anos tive que ser pai e mãe a meu pequenino, o qual ela me havia deixado. Mais tarde o Senhor me deu uma humilde esposa e agora temos uma menina.

CAPÍTULO VIII

NOTÁVEL INCIDENTE PRECEDENDO A VISITA DO ANJO

305 O tempo havia se aproximado quando Deus haveria de revelar-se pessoalmente ao Irmão Branham, em tal forma que não só afetaria seu ministério, mas teria um efeito profundo no mundo cristão.

306 Seria um sinal do qual muitos fariam mal, mas para outras centenas de milhares, seria motivo de regozijo e ações de graças a Deus, e a outros seria de inspiração, que causaria um crescimento de cem por cento em seus ministérios.

307 Já temos notado um número de coisas que precederam a visitação do anjo a William Branham, e ainda nos restam outras que serão de singular interesse apontar, mesmo quando o tempo só nos permitirá mencionar umas poucas mais.

308 Um destes incidentes foi tão fora do comum, que uma vez que o Irmão Branham tem feito menção dele em algumas ocasiões, tomaremos nota do mesmo nesta ocasião.

309 Tem sido um fato bastante notável as narrações bíblicas, que enquanto líderes religiosos têm sido sumamente lentos em reconhecer a uma pessoa que tem sido especialmente comissionada de Deus (e na maior parte têm falhado em reconhecê-la), por outro lado demônios têm reconhecido sem nenhuma demora aos tais.

310 No primeiro milagre que teve lugar no ministério do Senhor Jesus, de acôrdo com o Evangelho de Marcos, teve que ver com um testemunho muito estranho, o qual proveio de um espírito imundo.

311 Jesus havia regressado à cidade de Nazaré a pregar o evangelho aos de sua cidade natal. Longe esteve daquela gente reconhecer quem era Aquele notável personagem que passava no meio deles, pelo contrário se sentiram ressentidos por sua aparente mudança de ofício, de carpinteiro a profeta.

312 Esta gente não o pôde reconhecer. Mas no entanto um demônio que possuía a um que estava em sua sinagoga, ao ver a Jesus clamou em grande voz ao entrar em Sua presença: “Ah, que tens a ver conosco, Jesus Nazareno? Tens vindo nos destruir? Sei quem és, o Santo de Deus.”

313 De igual maneira clamou o maníaco de Gadara quando se aproximava a Jesus: “Que tens a ver comigo, Jesus Filho do Deus Altíssimo?”

314 Também Paulo, quando começava seu trabalho missionário na Europa, na cidade de Filipos, em vez de receber boas-vindas como profeta, foi tomado por mãos ásperas a lançado dentro de uma prisão. Porém um espírito imundo numa mulher daquela cidade, não tardou a reconhecer quem era Paulo e Silas, e a grande voz clamou dizendo: “Estes homens são servos do Deus Altíssimo, e anunciam o caminho da salvação.”

315 Então não seria nenhuma surpresa que o dom que havia sido predestinado ao Irmão Branham, fosse reconhecido por espíritos de adivinhação, mesmo quando o Irmão Branham não havia reconhecido completamente o propósito deste dom.

316 Numa outra ocasião, enquanto ele passava por uma astróloga, a mulher ao ver-lhe fez sinal para que ele fosse onde estava ela, pois desejava dizer-lhe algo. Quando ele se aproximou, não sabendo de que se tratava, ela lhe disse: “Ouça, sabia que você nasceu sob um sinal e que tem um dom de Deus?”

317 Outras experiências semelhantes lhe aconteceram e por um tempo lhe preocuparam, porém mais tarde ele entendeu. Nem Cristo, nem Paulo aceitou e tão pouco deu algum valor ao testemunho de demônios, mas ao contrário, lhes ordenou que calassem. Assim também o Irmão Branham, não apóia nenhuma classe da pseudo-ciência astróloga ou nenhuma classe de adivinhação, mesmo quando em muitos casos seus testemunhos confirmam o dom de Deus. O Senhor tem muitos meios de vindicar substancialmente a seus servos sem ter que se valer da evidência dada por demônios. E por certo, a Bíblia claramente denuncia o fato de que os filhos de Deus consultem tais fontes (Isaías 47:13-14).

318 Depois de sua conversão, o Irmão Branham veio a ser um ministro Batista, foi ordenado pelo Dr. Roy Davis de Jeffersonville, Indiana, a ali entrou ao ministério ativo. Ao finalizar umas gloriosas reuniões sob uma tenda, ele estava batizando um grupo de conversos no rio Ohio, diante de uma grande multidão que havia se reunido às margens do rio Ohio para presenciar este ato batismal. Eram uns 130 conversos que iam ser batizados num dia muito quente de Junho.

319 Quando o Irmão Branham já estava pra batizar o converso número 17, ele ouviu uma voz quieta e aprazível que lhe disse: "Olhe para cima." Três vezes se repetiram estas palavras. Ele olhou para cima e notou que do céu se aproximava uma estrela muito brilhante. Por certo, esta estrela não tinha cinco pontas, mas era como que uma bola de fogo.

320 Passados uns segundos a multidão olhou para o céu e pôde também ver a esta bola de fogo que se aproximava sobre a cabeça do Irmão Branham.

321 Na multidão, uns gritavam, outros correram aterrorizados, e outros caíram de joelhos pedindo misericórdia a Deus, outros desmaiaram. Daquela coluna de fogo saiu uma voz que disse: "Assim como João Batista foi enviado para preparar minha primeira vinda, de igual maneira tu tens sido enviado a preparar minha segunda vinda."

322 Em outra ocasião o Irmão Branham estava numa grande cidade para celebrar três noites de reuniões. O primeiro que veio á frente para a oração foi um menino pequeno que havia sido afetado pela grave enfermidade de paralisia infantil. De repente o Irmão Branham se sentiu focalizado por uma luz brilhante. Surpreendido pela grosseria de quem focalizava o refletor sobre ele, abriu os olhos, e eis que uma enorme estrela resplandecia frente a ele. Recordando este incidente, ele diz:

323 "Eu soltei o menino, ou ele saltou de minhas mãos...não sabia o que havia sucedido, pois me senti como se todos os nervos de meu corpo houvessem sido paralisados. Quando o menino caiu no chão, seus pés se normalizaram e pela primeira vez em sua vida, caminhou descendo da plataforma. Muitas outras coisas notáveis sucederam naquela noite e muitos entregaram seu coração ao Senhor."

324 Coisas semelhantes ocorreriam com freqüência na vida do Irmão Branham. Por algum tempo ele falhou em obedecer a voz e o chamado de Deus, de ir adiante neste ministério de libertação. Então foi quando chegou o período negro de sua vida, o qual já se relatou em capítulos anteriores. Quando perdeu sua esposa e sua filha, uma dor após outra.

325 Por fim chegou ao lugar onde propôs render seu coração por completo e dedicar toda sua vida ao serviço de Deus, para fazer tudo quanto Seu Senhor lhe mandasse.

326 Foi então quando teve a visita mais sobrenatural que ele recebeu em sua vida. Quando o Anjo em pessoa haveria de visitá-lo para lhe dar uma solene comissão do

alto Deus. A história desta experiência tão tremenda será narrada no capítulo seguinte pelo próprio Irmão Branham.

CAPÍTULO IX

UM ANJO DA PRESENÇA DO SENHOR

327 A notável visita recebida pelo Irmão Branham deste ser angelical, tem causado não pouco assombro entre o povo do Senhor como entre os inconversos.

328 Enquanto alguns rejeitam o ministério do sobrenatural, como o fizeram no tempo do Senhor Jesus, a grande maioria dos que assistem às reuniões do Irmão Branham está completamente convencida desta visita angelical.

329 Deus tem tido por bem revelar-se de diversas maneiras e muitas vezes o modo pelo qual o tem feito a seus servos tem sido raro por demais ante o olho humano. Este tem sido o caso daqueles a quem Deus tem chamado com algum propósito especial.

330 A Moisés, Libertador de Israel, lhe apareceu na sarça ardente. Ao povo de Israel se manifestou na Coluna de fogo à noite e na nuvem de dia.

331 Samuel lhe ouviu como uma voz lhe chamando de noite.

332 E Elias foi uma pequena voz aprazível.

333 A Abraão Ele apareceu numa Teofania ou em carne humana, e a Paulo apareceu na Glória de Sua Ressurreição como também o havia visto João o amado.

334 Talvez a mais estranha visitação sobrenatural em tempos bíblicos haja sido por meio da visita de anjos. Abraão recebeu a visita de um anjo, Moisés, Josué, Gideão, Davi, os profetas, Zacarias, Maria, os pastores, os apóstolos e outros.

335 Em muitos casos a visitação sobrenatural não era meramente uma visão, mas a presença real de um ser angelical. Portanto, a aparição deste Anjo ao Irmão Branham não está sem evidência bíblica.

336 É um fato muito certo que a ministração de seres angelicais a mortais está perfeitamente sustentada pelas Sagradas Escrituras. Tem sido reconhecido que os dons do Espírito têm sido até certo ponto restaurados à igreja. Porém, e o dom do discernimento de espíritos? Muitos têm crido que este dom só inclui a detectação de espíritos maus, devemos recordar que há mais espíritos bons que mau. E acerca dos anjos? Em que reino ministram eles? A resposta encontramos em Hebreus 1:14: “Não são todos espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que serão herdeiros da salvação?”

ANJOS MINISTRAM AO POVO DO SENHOR

337 Ainda quando não podemos ver anjos com nossos olhos naturais, sabemos pelas Escrituras que eles acompanham aos filhos de Deus em todo tempo. Se chegássemos a entender que ao nosso redor estão estes personagens celestiais, os quais velam nossa conduta e talvez nossos pensamentos, não há dúvida que isto teria um efeito tremendo em nossas vidas. O Salmo 34:7 diz: “O anjo do Senhor acampa-se ao redor daqueles que o temem e os livra.” Poderíamos citar um grande número de Escrituras que têm a ver com o ministério terreno dos anjos, porém não seria necessário. Por que não vemos anjos mais a miúdo?” Evidentemente necessitamos da operação deste dom antes mencionado para capacitar nossas mentes a fim de penetrar além do véu e poder assim perceber estes refinados seres celestiais.

338 Eliseu tinha este dom e temos a oração que ele fez pedindo que os olhos de seu servo fossem abertos para que pudesse ver o exército do Senhor: “E orou Eliseu, e disse: Senhor, peço-te que abras os olhos, para que veja. E o Senhor abriu os olhos

do moço, e viu; e eis que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, ao redor de Eliseu.” (II Reis 6:17)

A MENSAGEM DO ANJO AO IRMÃO BRANHAM

339 O anjo conversou com o Irmão Branham por espaço de meia hora. Temos chegado aos dias bíblicos novamente, e sem dúvida haverão mais e tais manifestações sobrenaturais à medida que passa o tempo.

340 Concernente a tais manifestações há um ponto que é fundamental. Um Anjo do Senhor nunca revela nada, senão o que esteja em perfeita harmonia com a Palavra do Senhor. É certo que temos que pôr a Palavra do Senhor acima de qualquer revelação de anjos, pois Satanás muitas vezes tem aparecido como um anjo de luz. Porém um espírito falso é facilmente conhecido por uma pessoa de mente espiritual. Satanás é pai da mentira e do engano, é um mentiroso habitual, e ele não tarda em mostrar-se a si mesmo dizendo uma mentira, fazendo dizer algo que torce, deforma, nega, tira ou acrescenta à Escritura. Sua primeira conversa com Eva, envolveu uma mentira. Sem dúvida a visitação angelical ao Irmão Branham tem sido algo que tem ido levantando continuamente a onda de avivamentos através do mundo inteiro, a ainda não é o fim.

341 Agora deixemos ao Irmão Branham que relate a história em suas próprias palavras, de como foi que ele teve o encontro com o anjo, como lhe falou, o que lhe disse em relação ao trabalho que Deus havia encarregado de fazer.

342 “Devo dizer-lhe da visita do Anjo e do dom. Nunca poderei esquecer a data, 7 de Maio de 1946, uma época muito bela ali em Indiana, onde eu todavia trabalhava de guarda florestal. Cheguei em casa para o almoço, e dei um volta pela casa enquanto tirava o revólver, quando chegou um amigo meu, muito querido, Prod Wiseman, irmão da pianista da igreja. Ele se aproximou de mim e pediu que fosse com ele a Madison aquela tarde. Lhe disse que era impossível porque tinha que fazer guarda; e enquanto caminhava ao redor da casa debaixo de uma árvore de ácer, me pareceu como se a copa da árvore estivesse se estremecendo fortemente. Foi como se algo houvesse descido pela árvore, como um vento rijo...eles correram para mim...Minha esposa correu para onde eu estava, assustada, e me perguntou o que havia acontecido. Tratei de repousar um momento, me assentei e lhe disse que depois de todos estes vinte anos de estar consciente desse raro sentir e da vida tão estranha que eu estava vivendo, que já havia chegado o tempo de averiguar o que significava tudo isto. A crise havia chegado. Disse adeus a ela e ao menino. Já não podia suportar mais. Tinha que investigar e chegar a conhecer o que era tudo aquilo que desde minha infância não se apartava de mim. Disse a ela que não regressasse dentro de alguns dias, que talvez não voltaria mais. Lhe disse que se não regressasse que pusesse outro homem em meu lugar.

343 Naquela tarde fui a um lugar secreto orar e ler a Bíblia. Me aprofundei tanto em oração, que pareceu como se minha alma houvesse se desgarrado de mim. Chorei diante de Deus...pus meu rosto em terra...levantei meu clamor a Deus: “Senhor, se Tu me perdoas pelo meu mau comportamento, eu tratarei de fazê-lo melhor...me sinto tão arrependido Senhor, por haver sido tão negligente com o trabalho que Tu me mandaste fazer...fala-me de alguma forma, oh Senhor. Se Tu não me ajudares, não poderei seguir.”

344 Então já a noite, como que as onze horas, já havia deixado de orar e estava assentado; quando notei uma luz ofuscante entrar no quarto, pensei que alguém se aproximasse com uma lanterna. Olhei pela janela, mas não vi a ninguém, quando olhei para trás aquela luz estava iluminando todo o piso do quarto e já se fazia maior.

345 Entendo que isto seja estranho para vocês, como o foi para mim também. À medida que a luz ia se espalhando, por certo me senti excitado e tratei de me levantar da cadeira apressadamente, porém quando olhei para cima, ali estava aquela grande estrela.

346 Naturalmente não tinha cinco pontas ou cinco picos como uma estrela, mas parecia uma bola de fogo, ou uma luz alumando sobre o piso. Depois comecei a ouvir a alguém que caminhava pelo quarto, me assustei novamente porque eu sabia que ali não havia ninguém senão eu.

347 Vi quando daquela luz saíram os pés de um homem que se dirigia a mim. Sua aparência era a seguinte: falando em peso humano, era um homem como que de umas 200 libras, e estava vestido de branco. Tinha o rosto suave, não tinha barba, seus cabelos eram escuros, e lhe caíam sobre os ombros, sua tez era escura com um semblante bem agradável. Ao se aproximar de mim, seus olhos se encontraram com os meus. Vendo quão temeroso eu estava, ele começou a me falar.

348 “Não temas, tenho sido enviado da presença do Deus Todo Poderoso, a dizer-te que tua vida peculiar e teus comportamentos tão mal entendidos têm sido para indicar que Deus tem te enviado para que leves um dom de cura divina às pessoas do mundo. Se fores sincero, e conseguires fazer com que as pessoas creiam em ti, nada poderá fazer frente a tua oração, nem mesmo o câncer.”

349 Não há palavras que poderiam expressar como me senti. Ele me disse muitas coisas mais que não posso lhes relatar aqui por falar de espaço. Me disse como eu poderia detectar as enfermidades por meio das vibrações em várias ocasiões. Ele tem me aparecido, talvez uma ou duas vezes dentro de um período de seis meses e tem falado comigo. Algumas vezes tem aparecido visível ante as pessoas. Não sei quem é. Só sei que ele é um mensageiro de Deus para mim.

350 Então comecei a orar pelos enfermos. Eu não reclamo tomar o lugar de um doutor...eu sei que os doutores estão capacitados para assistir a natureza, porém eles são meramente homens...Deus é Todo Poderoso.

351 As coisas que têm sucedido nestes meses são tão numerosas para poderem ser anotadas aqui, porém Deus tem confirmado as palavras do anjo uma ou outra vez. Surdos, mudos, cegos e toda classe de enfermidade tem sido curada e centenas de testemunhos registrados.

352 Eu não tenho nenhum poder para fazer isto...sou um homem inútil enquanto não sinto Sua presença. Muitas pessoas que têm assistido a estas reuniões sabem que suas enfermidades e pecados têm sido revelados na plataforma.

353 Amado leitor, por favor não entenda mal minha pobre maneira de tratar de comunicar-lhe isto. Só o digo para que você tenha um entendimento mais claro de como você pode se beneficiar do dom de Deus. Ele me disse que fosse sincero e conseguisse com que as pessoas cressem em mim, e isso é o que trato de fazer.”

354 Deus sempre tem algo ou alguém através do qual operar, eu sou apenas um instrumento usado por Ele. Nenhum mortal pode tomar crédito por realizar um milagre, e eu sou apenas um mortal. Não sei quanto tempo mais me permitirá o Senhor fazer isto, porém por Sua graça espero servir-lhe da melhor maneira que puder, servindo a Seu povo enquanto Ele me permitir viver.

355 Houve algumas outras coisas que o anjo disse ao Irmão Branham durante esta notável visita, algumas das quais ele tem vindo relatando de vez em quando em suas pregações. Uma delas tem a ver com os dois sinais que lhe foram dados. Como já tem sido mencionado, o primeiro sinal, não era para cura, haveria de ser um dom em sua mão esquerda; com este dom, e através do poder de Deus, ele haveria de discernir ou

detectar as enfermidades que as pessoas tivessem. Este sinal haveria de resultar no levantamento da fé em toda a congregação.

356 Então lhe seria dado outro sinal, pois se o povo não cresse no primeiro, eles creriam no segundo. Isto nos faz pensar em Moisés a quem também lhe foram dados estes sinais. Caso o povo não cresse no primeiro, cria no segundo (Êxodo 4:1-8).

357 Este segundo sinal, de acordo com o anjo, seria um dom que permitiria ao Irmão Branham discernir os pensamentos e intenções das pessoas. Algumas vezes a revelação viria acerca de algum incidente na vida da pessoa que só a pessoa sabia, e a revelação disto fortaleceria a fé da pessoa.

358 Devemos acrescentar que nenhum pecado que esteja debaixo do sangue será revelado, porém o pecado escondido e sem confessar, seria trazido à luz por meio deste dom, fazendo assim com que a pessoa se arrependesse imediatamente.

359 Temos observado cuidadosamente estes sinais, e podemos dizer com grande segurança que a manifestação destes sinais são tão perfeitas como jamais foi executado por mortal algum. O primeiro sinal lhe foi dado imediatamente depois da visitação. O segundo sinal tem sido manifestado recentemente no ministério.

360 Em ligação com este sinal, o anjo fez a seguinte asseveração:

361 “Os pensamentos do homem falam mais forte no céu do que suas palavras na terra.” Que solene admoestação e quão urgente se faz que nós sejamos absolutamente sinceros diante de Deus, e vivamos uma vida sóbria e honesta diante de Deus.

362 Todavia resta algo mais que o anjo disse, e foi que o Senhor Jesus vem logo e que esta comissão era um dos sinais da proximidade de Sua vinda; que se o Irmão Branham fosse fiel e Seu chamado, os resultados chegariam a todo o mundo e comoveriam as nações.

363 Finalmente o anjo lhe indicou que por meio destes sinais Deus estava chamando a Seu povo à unidade do Espírito, a que fossem de um mesmo pensar e sentir.

CAPÍTULO X

UMA FOTOGRAFIA SURPREENDENTE

364 Depois de sua recuperação maravilhosa de uma condição nervosa muito crítica, o Irmão Branham voltou novamente ao campo evangelístico para umas campanhas breves, isto foi pelos fins de 1948. O que escreve, esteve presente em apenas alguns cultos, outros compromissos me impediram de me reunir de imediato com o grupo.

365 Em Novembro de 1949, o Irmão Jack Moore e o que escreve recebemos um comunicado do Irmão Branham nos pedindo que se possível nos encarregássemos novamente da direção das campanhas, e também que fôssemos com ele e o Rev. Baxter em uma viagem evangelística a ultramar, a Escandinávia, na próxima primavera.

366 Sucedeu na Providência de Deus que havíamos tido êxito em cumprir outras obrigações e depois orar e considerar a oferta, se o Senhor o permitia aceitaríamos seu chamado. De um ponto de vista pessoal temos considerado um grande privilégio trabalhar com o Rev. Branham.

367 O Irmão Branham nos informou que só tinha uma reunião programada para essa ocasião, em Houston, Texas. Ele queria que fôssemos a Houston e depois nos encarregássemos de futuras campanhas. Como eu estava ocupado na tarefa de

preparar este livro para sua publicação, e precisava estar com ele esse tempo, consenti em ir a Houston.

368 A reunião em Houston começou um pouco lenta. No entanto, antes de terminar, algumas coisas notáveis haviam acontecido. Se fez aparente que o ministério de nosso irmão, de alguma maneira havia se desenvolvido grandemente. Não só estavam os dons do Espírito, os quais se haviam manifestado previamente em seu ministério com aumentado poder, mas uma nova manifestação era evidente.

369 No desenvolvimento deste novo dom, acontecimentos passados das pessoas que vinham na fila de oração eram revelados. Isto se manifestou de duas formas: Se aqueles que vinham para a cura eram devotos cristãos, lhes revelava acontecimentos passados em sua vida, os quais estimulavam tremendamente sua fé, de modo que em muitos casos a pessoa era curada sem uma palavra de oração. Em troca, aquelas pessoas que se aproximavam à fila de oração pelos enfermos sem buscar devida relação com Deus ou que estavam vivendo vidas licenciosas e haviam cometido pecados que não haviam sido confessados sinceramente diante de Deus, estas pessoas eram repreendidas na mesma plataforma pelo Espírito de Deus. Seus pecados eram revelados e o intento de seus corações era trazido à luz, e praticamente em cada caso a pessoa cheia de lágrimas fazia uma confissão, então a pessoa recebia sua cura, muitos eram curados instantaneamente.

FOTOGRAFIA SUSPREENDENTE

370 Algo muito surpreendente ocorreu em meio a campanha em Houston, que provou ser uma vindicação divina ao ministério do Irmão Branham. Certo ministro contrário que se opunha à cura divina denunciou as observações feitas pelo Rev. Bosworth (que falou em muitas reuniões durante o dia) e estabeleceu um desafio público através dos jornais para debater com o Rev. Bosworth sobre o tema da “A Cura Divina na Propiciação.” O Rev. Bosworth aceitou o desafio e os jornais de Houston deram bastante publicidade ao assunto.

371 Na tarde fixada para o debate, era muito evidente que a simpatia da vasta audiência estava quase inteiramente com os evangelistas visitantes. Grande número de membros da própria denominação do ministro opositor se puseram de pé como testemunhas que criam em cura divina e de fato haviam sido curados. Este sentimento aumentou evidentemente durante o serviço.

372 O ministro opositor havia contratado os serviços do Sr. James Ayers e do Sr. Ted Kipperman, fotógrafos profissionais que tirariam uma série de fotografias dele enquanto estivesse falando. Incidentalmente, o fotógrafo depois de tirar essas fotos, tirou uma do Irmão Branham quem falou brevemente antes de terminar a reunião.

373 Quando o Sr. Ayres, um dos fotógrafos, foi nesta mesma tarde ao quarto escuro de seu estúdio, decidi revelar os negativos que havia exposto. Para sua surpresa cada um dos negativos estava em branco com exceção do que havia tirado do Irmão Branham. Sua surpresa se tornou um assombro quando notou que neste negativo imediatamente sobre a cabeça do Irmão Branham havia aparentemente um halo de luz sobrenatural. O Sr. Ayres chamou aos outros no estúdio para que vissem o negativo; porém quando o viram cada um ficou perplexo e nenhum deles podia explicar a presença do halo.

374 Na manhã seguinte o fotógrafo comunicou ao Irmão Branham, informando-lhe do estranho fenômeno que havia ocorrido em relação à fotografia que havia tirado dele na noite anterior. O Irmão Branham então explicou ao Sr. Ayres que ele não

estava grandemente surpreendido quanto ao sucedido, porquanto antes haviam ocorrido coisas semelhantes em seu ministério por várias vezes.

375 A fotografia tomada em Houston era sem dúvida a mais destacada e espetacular desta manifestação sobrenatural devido às circunstâncias raras sob as quais havia sido tomada dita fotografia.

OS JORNAIS DE HOUSTON PUBLICAM A REUNIÃO

376 Na mesma manhã que o fotógrafo trouxe as notícias do estranho fenômeno, o qual apareceu na fotografia, os jornais de Houston continham reportagens completas do culto em suas primeiras páginas, (naturalmente, a esta hora os jornais não sabiam nada da fotografia).

377 É interessante notar que o Sr. Ayres, um dos fotógrafos do ministro opositor, havia feito ele mesmo observações cépticas, as quais foram incluídas nas reportagens dos jornais. O fato de que essa fotografia viesse deste homem dá mais valor à autenticidade da fotografia e ao mesmo tempo faz o assunto mais assombroso, se é que se necessita de mais evidência.

378 Em continuação incluímos algumas reportagens grandemente condensadas das reuniões tal como apareceram nessa manhã nos jornais de Houston.

DO HOUSTON CHRONICLE, 25 DE JANEIRO (CONDENSADO)

379 Deitados em catres sob o brilho das grandes luzes do coliseu Sam Houston, na Quarta-feira a noite, então os coxos, os enfermos, os achacosos, aqueles que naturalmente falando haviam perdido toda a esperança de serem curados. Ali estão deitados quietamente, enquanto o argumento teológico qual um torvelinho girava ao redor e sobre eles.

Porque eram eles quem, segundo o Rev. Bosworth, um evangelista de fora, podiam ser curados de suas enfermidades pelo poder curador que fluía através do Rev. Branham um companheiro do Rev. Bosworth.

Porém o Rev. W. E. Best, pastor do Tabernáculo Batista de Houston, afirmou que as curas milagrosas haviam terminado quando os apóstolos morreram. E desafiou ao Rev. Bosworth para que provasse o contrário.

O Rev. Bosworth, entre exclamações e gritos de “amém” de uma audiência de umas 8000 pessoas, citou numerosas passagens em diferentes fontes, que ele disse, provavam que Cristo morreu não somente pelos pecados do homem mas também pelas enfermidades físicas. Uma e outra vez ele citou a passagem bíblica: “Cristo levou nossas fraquezas e carregou nossas enfermidades.” Cada vez que o repetia as pessoas davam gritos e leves sorrisos se viam nos rostos daqueles que estavam deitados em catres.

A audiência podia ouvir o empolgante discurso do Rev. Best, porém eles não estavam de acordo com nada do que ouviam. Não lhes agradou quando ele disse: “Eu nego que algum homem que viva na atualidade tenha o poder e o dom de curar como os apóstolos fizeram.”

DA IMPRENSA DE HOUSTON, 25 DE JANEIRO DE 1950 AUDIÊNCIA PÚBLICA

380 “O Rev. Raymond T. Richey pediu à audiência para ouvir atentamente a cada orador. “Quando vocês estiverem de acordo com o orador, digam ‘amém’ e quando não estiverem de acordo digam ‘não’.”

Por cerca de quatro horas o coliseu retumbava com 'amém' e 'não'.

Quando o Rev. Best fazia uma pausa o Rev. Bosworth agarrava o microfone e dramaticamente pedia aos que haviam sido curados por fé, que se pusessem de pé.

CENTENAS SE PÕEM DE PÉ

381 Cada vez centenas de levantavam. “Quantos de vocês são Batistas?” gritou o Rev. Bosworth. Pelo menos cem se levantaram. “Nenhum homem tem poder de curar”, declarou o Rev. Best.

Para a Sra. W. E. Wilbanks, da Rua Teetshorn nº 712, o Rev. Best estava forçando argumentos junto ao pequeno evangelista de cabelos negros que tem estado pregando todas as noites à multidões de 5000.

ELA É BATISTA

382 “Sou Batista”, disse a Sra. Wilbanks. “O Irmão Branham não reclama ter poder para curar. É simplesmente a fé e o Espírito de Deus trabalhando através dele que cura a pessoa. O Rev. Best está pervertendo a sentimento dos Batistas ao atacar ao Irmão Branham.”

Geralmente a maneira como se desenrolam as curas milagrosas é que as pessoas da audiência preencham cartões os quais são numerados e levam seus nomes. O Rev. Branham toma um número de cartões e ora pela saúde de cada pessoa.

Ocasionalmente ele escolhe uma pessoa à sorte.

Aos que assistem lhes informa que é possível que não sejam chamados durante a tarde para uma oração individual, porém eles vêm noite após noite esperando que lhes chegue sua oportunidade.

MULHER NASCIDA DE NOVO

383 A Sra. Mary Geórgia Hardy, da Rua Columbia nº 708, disse que ela havia nascido de novo há três anos porém que primeiro teve a experiência da cura divina há 18 anos.

384 “Depois que nasceu meu segundo filho, meus nervos se arruinaram, porém a cura pela fé me fez sentir bem e desde então tenho tido dois meninos”, disse a Sra. Hardy, que assiste à igreja das Assembléias de Deus na Rua 18 e Ashland nas Colinas. Assentando-se a seu lado, a Sra. Gray Walker da Rua Blodgett nº 2501, apontou a sua neta de quatro anos, Diana Cox.

ELA ESTÁ BEM AGORA

385 “Diana nasceu com um pé torcido. Um doutor queria lhe engessar o pé, porém nosso pastor das Assembléias de Deus, o Rev. J. C. Miner sugeriu que tratássemos com a oração. O fizemos assim gradualmente, ao cabo de um período de semanas, o pé da menina se endireitou. Diana está bem agora.”

386 Faz uma semana, durante uma oração geral do Irmão Branham, a Sra. W. E. Miller, que vive na estrada Genoa-Alameda, foi curada subitamente de sinusite crônica. Ela disse: “Eu apenas orava pelos outros quando sucedeu.”

387 Quando o Rev. Best vociferou que havia uns que usavam superstições para enganar as pessoas de tal maneira que as pessoas eram mal guiadas em sua sinceridade, e dizem que é o poder de Deus, James Ayres, um fotógrafo comercial da Rua Rust nº 1610, esteve de acordo.

388 “Branham faz uma função”, disse o Sr. Ayres. “De alguma maneira nunca se aproxima dos inválidos e pessoas que têm artrites. Ele simplesmente hipnotiza a audiência.”

389 (Nota: O Sr. Ayres, que se menciona aqui pela “Imprensa de Houston” foi o fotógrafo que horas mais tarde haveria de descobrir a luz sobrenatural sobre a cabeça do Irmão Branham na fotografia.)

390 Depois de consultar ao Irmão Branham, o que escreve fez os arranjos para entregar o negativo ao Sr. George Lacy, considerado a maior autoridade sobre documentos duvidosos na área. O Sr. Lacy submeteu o negativo a exaustivas provas científicas. O Rev. Branham estava seguro que o negativo era genuíno, porém considerou sábio o fato de ter prova científica absoluta sobre a autenticidade. Depois de um exame completo, o Sr. Lacy fez uma declaração certificando de que cada prova demonstrou que o negativo era absolutamente genuíno e que não se havia alterado ou retocado, nem tão pouco era uma dupla exposição.

391 O Rev. Branham então deu permissão para os estúdios reproduzirem cópias da foto, insistindo, no entanto que ele não tomaria nada pessoalmente do que produzisse sua venda, sendo que permitiria que se desse uma certa porcentagem às empresas missionárias de ultramar nas quais estava interessado.

392 Outro destacado acontecimento em relação ao fenômeno que apareceu na fotografia, foi o fato de testemunhos independentes virem de várias pessoas corroborando o fato de que a luz sobrenatural apareceu sobre a cabeça do Irmão Branham. Alguns testemunhos vieram daqueles que nesse tempo ainda não sabiam nada da fotografia.

393 Um muito típico é o da Sra. Grace Coursey, Rt. 1, Box 108 Cleveland, Texas, que diz como um católico se converteu ao ver esta luz sobrenatural.

SURPREENDENTE CONFIRMAÇÃO DA LUZ SOBRENATURAL POR UM CATÓLICO CONVERSO

394 “Eu estava varrendo o piso numa manhã quando apareceu um automóvel frente a nossa casa numa fazenda a 56 milhas ao norte de Houston”.

395 Estando um pouco aturdida pelo estado de desordem de minha casa, disse, explicando aos forasteiros que eu trabalhava como vendedora em Cleveland seis dias na semana e que havia estado assistindo aos cultos do Irmão Branham muitas noites e que por esta razão não havia tido tempo de cuidar da casa. O homem, um estranho para mim, havia vindo em resposta a nosso anúncio de venda de nossa fazenda.

396 Quando lhe mencionei os cultos do Irmão Branham, seu semblante se iluminou e disse: “Eu também tenho estado ali.” Isto é o que nos contou sua esposa.

397 “O Sr. Becker (o estranho) havia estado sofrendo de um mal estomacal terrível, dores violentas, etc. Tomava remédios todas as noites. Sua sogra leu no jornal de Houston acerca do Irmão Branham e dos dons que lhe haviam sido dados por Deus para curar o pediu a Sra. Becker que convidasse a seu esposo para ir e que orasse por ele. A Sra. Becker duvidou que ele fosse, uma vez que era católico. Ela lhe falou e ele disse que iria.

398 A Sra. Becker se decepcionou grandemente quando chegaram ao coliseu de Houston e encontraram ao pastor Batista (ela é Batista) debatendo com o Rev. Bosworth. Ela temeu que seu esposo não cresse, depois de ver isto. Em vez de ser dissuadido a não crer, o Sr. Becker nos disse: “Eu vi uma luz ao redor da cabeça do Rev. Branham quando ele estava ali de pé na plataforma depois do debate; não era uma luz de lâmpada elétrica, era um halo perto de sua cabeça.”

399 Quando o Irmão Branham deu a chamada de altar, o Sr. Becker, que havia sempre declarado firmemente estar salvo, subiu a aceitar a Cristo. Sua esposa, crendo que ele não havia entendido, lhe perguntou se ele havia entendido o apelo que havia sido feito. Ele respondeu: “Certamente que sim.”

400 Ele automaticamente deixou o hábito de usar o Nome de Deus em vão. O Sr. Becker foi ao culto das duas horas do dia seguinte e conseguiu um cartão de oração naquela noite, porém ele foi curado instantaneamente na chamada para oração em massa.

401 “Eu não sabia quando vim aqui aquela noite e disse isto na fotografia, que um fotógrafo havia tirado um retrato do Irmão Branham naquela mesma noite que o Sr. Becker, o católico, havia visto a luz ao redor da cabeça do Irmão Branham e creu que ele era um homem enviado de Deus com um dom de cura.”

30 de Janeiro de 1950

Sra. Grace Coursey

Rt. 1, Box 108

Cleveland, Texas

402 De Houston o grupo Branham foi a Beaumont, uma cidade como que a oitenta milhas ao oeste. Depois da primeira reunião à noite no auditório da cidade não cabia as pessoas e na segunda noite necessitou dois policiais e sete bombeiros para impor as leis de segurança e regulamentos concernentes ao edifício. Raymond T. Richey fretou um trem de onze vagões para levar 700 pessoas de Houston a Beaumont para assistir ao culto noturno da Segunda-feira. Só uma parte deles pôde se acomodar na seção reservada. Os oficiais do auditório cederam e permitiram que algumas centenas que não puderam entrar, estivessem de pé detrás da plataforma durante a reunião.

403 Uma das coisas mais notáveis da caminhada foi o almoço ao qual assistiram cem ministros e suas esposas. O Irmão Branham lhes falou brevemente do profundo de seu coração. Disse que Deus o havia comissionado e dar uma mensagem especial a todos em uma só mente e coração em preparação para a breve vinda de Cristo. Todos os presentes deram solene atenção ao que ele disse, já que era evidente que estas palavras eram as palavras de um profeta.

404 Durante a campanha de Beaumont umas 2.000 pessoas se moveram para a frente para aceitar a Cristo como seu Salvador. Cerca de 3.000 haviam respondido à chamada de altar em Houston, assim sendo durante estes trinta dias cerca de 5.000 pessoas haviam confessado a Cristo como seu Salvador.

CAMPANHAS EM ARKANSAS

405 De Beaumont fomos a Little Rock, Arkansas. Novamente ali nos fizeram uma história semelhante. Little Rock, espiritualmente falando, era uma cidade tão dividida que seria impossível ter uma grande reunião ali. Se havia tratado antes porém sempre havia resultado um fracasso. Nos disseram que nos preparássemos para uma decepção. A campanha começou no meio da semana. Porém no Sábado o auditório Robinson Memorial estava completamente cheio. Na última noite, que foi na Segunda-feira, fecharam as portas às 6:30 da tarde, e se estimou que pelo menos 1.500 pessoas não puderam entrar.

406 Ao meio dia do último dia, se reuniram mais de 100 ministros e suas esposas para um almoço especial e se manteve um ambiente de unidade e camaradagem que uma semana antes ninguém pensava que fosse possível.

407 Interessantes foram os testemunhos daqueles que haviam sido curados quando o Irmão Branham esteve ali como que três anos antes. Um homem emocionou a audiência com seu testemunho. Havia andado com muletas por anos. Então quando o Irmão Branham havia orado por ele, tirou as muletas e andou sem ajuda. Desde então não tem necessidade delas mais.

408 Um incidente foi de singular interesse para o Irmão Moore e para mim. Ao terminar um dos cultos, quando íamos da plataforma, uma mãe parou e nos suplicou que orássemos por seu pequeno menino de cinco anos que era surdo-mudo. Ela temia que o Irmão Branham não pudesse chegar a ele. O Irmão Moore me olhou e disse: “Oremos por ele.” Depois de orar, o levamos ao piano e ficamos satisfeitos porque o menino podia ouvir a música. A próxima tarde, durante o serviço de cura vimos a mesma mulher e o menino que vieram para a oração. Ela havia conseguido um cartão de oração e havia decidido usá-lo pensando que não estaria mal trazer o menino na fila de oração de novo. O Irmão Moore e eu estivemos muito interessados em saber o que o Irmão Branham diria a ela quando o Espírito de Deus falasse por meio dele.

409 Enquanto o Irmão Branham olhava ao menino, disse: “Mãe, seu filho tem estado surdo,” o que por certo era correto. Então continuou dizendo: “Alguém que tem fé em Deus orou por seu menino ontem a noite. Seu filho está curado.” Você pode imaginar o efeito que isto teve na mulher. Era certo que o menino ouvia apesar de nessa pouca idade ser difícil provar o grau de audição, mas ele já havia começado a mostrar o fato de sua cura imitando vários sons. A demonstração teve grande efeito na congregação. Era claro que Deus estava falando, não o homem, e também que o homem não era o curador, mas o Senhor Jesus Cristo.

410 Logo falamos ao Irmão Branham sobre o incidente. Ele quase não recordava as circunstâncias. Deus havia falado por meio dele e revelado que alguém havia orado pelo menino, porém não havia revelado quem o fez. Isto não tinha importância. O que era importante era que Deus havia feito a obra e ao Senhor pertencia toda a glória. Meses mais tarde recebemos uma carta da mãe confirmando a cura de seu filho.

411 Do Irmão Branham temos que dizer isto: “Havia um homem enviado de Deus cujo nome era João.” Cremos que esta declaração pode se aplicar a nosso querido irmão, William Branham.

ACIDENTE E PARTIDA DO PROFETA

Narrado por Billy Paul Branham

26 de Janeiro de 1966

412 Gostaria de agradecer ao Irmão Williams, à junta local em Phoenix de Homens de Negócios do Evangelho Completo, e aos diretores internacionais por esta oportunidade de falar neste serviço de recordação com relação a meu pai.

413 Como a maior parte de vocês sabe, eu não estou acostumado a pronunciar discursos. Em alguma parte da predestinação de Deus, Ele me permitiu ser o que viajava com meu pai durante os últimos doze ou quatorze anos, em suas campanhas evangelísticas.

414 Até onde eu posso recordar, a primeira vez que dei um cartão de oração em um culto, foi aqui em Phoenix, quando o Irmão Branham tinha um culto em uma tenda. Creio que foi aqui abaixo da estrada West Buckeye. Creio que foi no ano de 1950. Desde esse tempo tenho viajado com ele constantemente, exceto por um ano enquanto assistia à escola de estudos bíblicos.

415 O Irmão Williams me chamou e me perguntou se eu queria falar. Eu lhe disse: “Não”, porém então ele me disse que algumas pessoas haviam telefonado e desejavam saber como sucedeu tudo. Não sei se posso fazê-lo, porém farei o melhor que puder.

416 O Irmão Branham e eu havíamos planejado regressar a Indiana para ter cultos um par de noites. Ele queria falar sobre o tema intitulado “O Rastro da Serpente.” Me disse para entrar em contato com o Irmão Wood, que é um administrador de nossa igreja e amigo íntimo do Irmão Branham, para tratar de conseguir o auditório da escola para o culto.

417 Assim o fiz, e antes que o Irmão Wood me chamasse para a confirmação, papai me telefonou e me disse: “Não creio que devemos fazê-lo.” Ele disse: “Regressaremos à casa para os dias de festa somente.”

418 Assim sendo começamos nosso regresso em 18 de Dezembro. Ele veio a minha casa nessa manhã como de costume. Vocês em Phoenix e Tucson sabem que classe de tempo estávamos tendo. Havia estado chovendo dias antes, pelo que ele me havia mencionado na noite anterior que usaríamos a roupa de caça porque segundo ele, poderíamos enfrentar mau tempo em todo o caminho até em casa. Ele veio esta manhã cerca das 6 da manhã.

419 Saímos de Tucson (minha família e eu) e sua família e ele me seguiram como de costume em sua camioneta. Saímos aproximadamente as 6 da manhã e tomamos o desjejum em Benson. Logo seguimos até Alamogordo, Novo México a ali almoçamos. Meu filho Paul havia viajado com seu avô quase todo o dia devido meu irmão José.

420 Quando saímos do Restaurante depois de almoçarmos, fiz com que Paul viesse comigo no carro porque eu queria que ele dormisse a sesta. Papai me falou e me disse: “Está bem, deixe que viaje comigo.” Assim sendo saímos até Clovis, Novo México, e jantamos em um pequeno lugar, creio que foi no Restaurante de Denny. Saímos e o tempo estava se tornando frio. Ouvimos que ia haver neve nos arredores de Amarillo naquela noite. Antes de sair do Restaurante papai me perguntou: “Até onde crês que devemos chegar?” Lhe disse: “Bom, não há problemas.” Logo lhe disse: “Loyce tem estado se sentindo mal, creio que seria melhor ficarmos em Amarillo.”

421 “Está bem”, disse ele. Então entrou em sua camioneta, e por alguma razão que desconheço, meu irmão José parou e foi para meu carro. Vocês sabem como são as coisas quando se viaja com meninos. O carro estava cheio e normalmente eu não lhe deixaria entrar, nem mamãe e sei que papai tão pouco, a menos que estivesse na divina Vontade de Deus fazê-lo. Desta forma José entrou comigo no carro.

422 Já havíamos atravessado a guarda-fronteiriça do Texas, como que a oitenta ou noventa milhas de Amarillo, quando vi que vinha um carro com a luz dianteira apagada no lado do dirigente. De primeira mão cri que era uma motocicleta porque estava justamente na faixa branca, e todo o carro estava ocupando meu lado da estrada. Porém não prestei muita atenção a isto. Fazia pouco tempo que havia escurecido, diria que eram como que as 7:30 da noite.

423 Quando se aproximou mais pude notar que era um carro e que tinha um farol apagado. Como disse, era no lado do dirigente. O farol que eu havia visto estava no meio da faixa branca, e todo o carro estava ocupando meu lado da estrada.

424 Rapidamente me desviei para a direita e toquei a buzina e olhei por meu espelho quando ele passava. Vi que o carro se jogou para o lado direito da estrada. Olhei outra vez e vi que dois carros chocavam. O carro havia se desviado justamente

para o lado de papai. Tudo o que pude ver foi dois carros indo em duas direções. O carro de papai vindo para mim.

425 Minha esposa disse: “É teu pai!” Eu disse: “Não, havia um carro ao qual eu passei que está entre papai e eu.” Eu pensei que papai estava a um carro atrás. Assim sendo eu freei e fui ajudá-los.

426 Quando cheguei ao lugar da cena, um dos moços estava atirado na estrada. Segui para cima, havia cerveja, licor, algo (não sei o que) tudo derramado na estrada. Vi este carro abaixo na esquerda da vala. Virei na estrada e quando meus faróis focalizaram, era papai.

427 Tudo que pude ver foi sua cabeça saindo para fora. Para mim, segundo o que pude ver, pensei que estava morto. Disse à minha esposa, “Está morto.” Ela saltou do carro e correu até lá. Parecia como se um trem de carga houvesse chocado com ele, tal era o estado do carro.

428 Havia deixado José e a meu filho Paul no carro, subi os vidros e fechei as portas e lhes disse que se mantivessem assentados ali.

429 Papai e eu temos viajado muitas milhas juntos e havíamos visto muitas coisas, muitos acidentes e temos visto muita gente morrer. Tenho visto muita gente morrer na estrada num instante. Era um espetáculo que eu havia visto antes.

430 Assim sendo, em minha consciência, sabia que estava morto porque tinha os olhos abertos, e seu rosto estava inchado. Era justamente esse aspecto pelo qual muitos de nós temos passado.

431 Saí do carro. Não sabia o que fazer. Corri para ele. José começou a gritar e quando o fez, sua cabeça desmaiou. Levantei sua cabeça com a minha mão para cima e ele disse: “Quem é esse?” Eu disse: “É José, papai.” Lhe perguntei: “Estás bem?” Ele somente me olhou. Não disse nada.

432 Isto tem um significado especial para mim devido a uma fita na qual ele falou: “Senhores, é este o tempo?” Não posso dizer que isto seja certo, porém eu sei que ele nunca respondeu até que José gritou por seu papaizinho. Então papai disse: “Diga a José que está tudo bem.”

433 Minha esposa estava falando a mamãe e tratando de despertá-la. Ela em alta voz disse: “Billy, tua mãe está morta.” Eu corri para lá e por fim a encontrei frente ao assento dianteiro perto do aquecedor. Pus a mão sobre ela porém não pude sentir seu pulso. Não posso dizer, porém não pude encontrar pulso algum.

434 Olhei no assento traseiro e minha irmã Sara estava deitada ali gemendo. Regressei para onde estava papai porém estava tão preso no carro que não podia se mover. Seu braço esquerdo estava na porta e o metal o prendia. Sua perna esquerda estava travada no volante. Quase todo seu corpo, cabeça e ombros saíam pelo pára-brisas, e caído sobre o boné.

435 Para lhes dar mais informação, quero dizer aqui que poucas semanas antes o Irmão Gene Normam, um amigo nosso de Tucson, Don Wertz e eu saímos a caçar com o Irmão Brewer, (não sei se está aqui ou não) até Kaibab, e enquanto caçávamos adoeci. Sofro de uma condição nervosa, eu a chamaria melancolia, não sei, só sei que comecei a chorar enquanto subia pelas colinas. Era noite e perdi o jantar. Pensei que eram os nervos, então regressei. Vi a papai tirar o chapéu e inclinar sua cabeça estando de pé perto do fogo. Em poucos minutos tudo havia terminado, vocês sabem.

436 Então quando estava de pé ao redor do fogo, ele não pôde comer o seu jantar. Lhe perguntei se queria que lhe preparasse uma sopa ou algo, porém me disse que não, e se foi caminhando estrada abaixo. Quando regressou pude notar que naqueles

olhos haviam havido lágrimas. Disse aos irmãos: “Vocês não sabem pelo que está passando, vocês não sabem.”

437 Regressou para o fogo e eu me aproximei dele depois de um momento quando cri que os irmãos não estavam olhando (não sei se olhavam ou não). Disse a papai: “Te sentes bem?” E ele respondeu: “Tudo está bem.”

438 Antes de deitarmos ainda aquela noite ele disse algo que eu não lhe havia ouvido dizer antes, que eu recorde. Falou ao Irmão Norman, um amigo nosso de Tucson, e disse: “Viram todos vocês a Billy subir as colinas a poucos momentos?” Todos disseram que sim. Ele disse: “Vocês vêem? Essa é a razão porque Billy gosta sempre de estar comigo. Ele diz que sabe que se eu tão somente oro por ele, tudo estará bem.”

439 Ele disse: “Irmão Norman, se recorda você poucas semanas atrás quando você caiu da cerca enquanto caçávamos e torceu o tornozelo? Você pensou que não poderia caminhar por muitos dias, eu pus minha mão sobre você, e orei e num par de dias você regressou a seu trabalho.” O Irmão Norman reconheceu que era certo.

440 Então ele disse: “Há alguns meses eu estava caçando e sofri uma torcedura em meu tornozelo.” Então começou a tirar suas botas e disse: “Olhe isto”, e ainda está roxo.

441 Disse: “Billy estava tão nervoso que não pensou que ele o poderia fazer.” Ele disse: “ Tu estás bem agora, não é certo, Paul?”

442 Eu disse: “Sim.”

443 Ele disse: “É somente esse pequeno toque.” Ele disse: “Tenhoorado por este tornozelo, e no entanto está do mesmo jeito. Orei por esta condição nervosa, todavia está aqui. Não é para mim, eu fui enviado por causa de vocês.”

444 Não entendi nesse instante. Então eram só palavras para mim. Porém na noite do acidente, ele me olhou e me disse: “Podes me tirar?”

445 Bom, eu tratei, fiz tudo o que pude. Então lhe disse: “Não, não posso, papai.” Acrescentei: “Papai, olhe-me”. Então ele abriu seus olhos, e eu lhe disse: “Diga a palavra e sairá daí.” Eu sustentava sua cabeça em minhas mãos assim. Porém ele voltou sua cabeça para a direita, não falou uma palavra, só voltou seu rosto. Então entendi o que quis dizer quando disse que isto não era pra ele, era para nós.

446 Para enfatizar isto para vocês, depois que fui e vi mamãe antes que chegasse a ambulância, voltei a ele e lhe disse: “Papai, eu sei que estás mal e ferido, porém creio que mamãe está morta.” Eu disse: “Sara está bem, porém creio que mamãe está morta.” Nunca esquecerei isto.

447 Ele disse: “Onde está ela?”

448 Eu disse: “Ela está à tua direita.” De alguma maneira, não sei como, porém sei que moveu sua mão direita e pôs sobre ela, e segundo meu leal saber e entender, isto foi o que ele disse: “Senhor, não deixes que mamãe morra. Acompanhe-nos nesta hora.”

449 Quando vim de novo onde ela estava, mamãe estava gemendo e se movendo. Perguntei a ele se devia movê-la, ele disse que não, que seria melhor deixá-la. Lhe perguntei acerca de Sara, porém também me disse que a deixasse quieta, que não a movesse.

450 As ambulâncias vieram e levaram a Sara e a mamãe. Nós ainda não podíamos tirar a papai. Quando a ambulância regressou, ainda não havíamos podido tirar a papai. Fizeram dois pesos com outro carro a ainda não podíamos tirá-lo.

451 O tráfego estava engarrafado por seis milhas em ambas as direções. Finalmente veio um homem com um caminhão de tração nas quatro rodas. Ele tinha

uma corrente no caminhão, e a colocaram ao redor da porta e trataram de arrancá-la. Porém não puderam. Eu perguntei a eles se podiam colocar no pára-brisas, onde desce a abraçadeira. Eu lhes disse: “Se vocês abrirem o suficiente para que eu possa entrar lá embaixo, eu posso tirá-lo.” Assim o fizeram. Puxaram até que o freio deu passagem para que eu pudesse me arrastar sobre o ombro direito de papai, ir para baixo do assento dianteiro e desprender suas pernas que estavam debaixo do painel e do volante. Ele me falou e me disse: “Toma-me, Paul.” Caiu em meus braços e o tirei do carro.

452 O levamos ao hospital. Quando chegamos já haviam trazido aos outros. O moço que chocou com ele, chegou morto. Mamãe e Sara estavam na sala de emergência quando trouxeram papai. Depois que estava dentro, o doutor me disse: “É teu pai?”

453 Eu lhe disse: “Sim senhor.”

454 Ele disse: “Bem, eu não lhe dou muita esperança, filho.”

455 Eu disse: “Sim senhor.” Não sabia pedir ajuda ou o que fazer, assim sendo me assentei ali e tratei de orar e me sujeitar ao que ele me havia ensinado.

456 O levaram a tirar radiografias. O doutor disse: “Vamos levá-lo a Amarillo porque ele necessita de cuidado especial. Todos terão que ir, porém seu pai terá que ir primeiro porque ele não tem muita esperança de sobreviver.”

457 Então papai entrou numa comoção (como eles chamam), e não puderam enviá-lo. Eles enviaram a mamãe e a Sara e fizeram outra carga com os moços mexicanos.

458 Quando eu saí o doutor me perguntou: “Que tipo de sangue tens?” Eu lhe respondi: “Não sei, senhor.”

459 Ele disse: “Temos que aplicar-lhe sangue imediatamente, pois está se tornando mui débil.”

460 Eu disse: “Bem, iremos comprovar.” Não serviu o tipo de meu sangue. Buscaram no banco de sangue e não tinham nenhum. Enviaram a Amarillo e pediram que enviassem, creio eu, três tipos de sangue de lá. Asseguraram conseguir com o comissário porque ele tinha o mesmo tipo de sangue que papai. Ele estava bastante débil quando lhe puseram o sangue e quando eu entrei no quarto onde o tinham numa espécie de cama, na sala de emergência, inclinado diretamente sobre a cabeça. Disseram que não podia receber o sangue deitado no plano.

461 Esteve recebendo sangue por espaço de oito horas aproximadamente, diria eu. Então me disseram: “Não sei como pode estar vivo.” Me esqueço o nome do doutor, porém ele disse: “Quando lhe dei o primeiro pouco de sangue, sua pressão sanguínea era zero por zero. Agora sua pressão tem subido.” Ele me perguntou se eu podia ir com eles na ambulância para Amarillo. Eu disse: “Seguro.”

462 Então uma enfermeira e eu o levamos a Amarillo, que fica a oitenta ou noventa milhas de Freona, Texas. Saímos como que as seis daquela manhã e chegamos ali por volta das sete e trinta. O doutor estava ali para se encontrar conosco. e examinou de todas as maneiras. Papai estava todavia inconsciente. Examinou as radiografias, etc., e disse: “É esse seu pai?”

463 Eu disse: “Sim, senhor.”

464 Ele disse: “Eu vi a você orando por ele.”

465 Eu disse: “Sim senhor.”

466 Ele disse: “Odeio ter que lhe dizer isto, porém você deve ir orar para que ele morra.”

467 Eu disse: “Não, senhor. Eu não posso fazer isto.”

468 Ele disse: “Um homem não pode viver com tantas lesões.”

469 Eu lhe disse: “Creio que ele pode.”

470 Ele viveu por seis dias no hospital. Não posso dizer que ele estava consciente nem tão pouco dizer que não estava, porque ele fazia movimentos e mim e a diferentes irmãos que foram vê-lo. Nós oramos. Nós fizemos sustentar por homens de Deus e oramos.

471 Sempre tenho ouvido a papai dizer: “Fora de Deus não há esperança.” Quão certo é isto!

472 No quarto dia eles disseram: “Vamos lhe fazer uma prova. Creio que você o tem notado nele. O temos observado nas últimas quarenta e oito horas. Seu olho esquerdo está fechado.” O termo médico (não sei qual era), significava que ele tinha um coágulo de sangue ou tinha um golpe. Ele disse: “Eu creio que ele morrerá esta noite. Vamos lhe fazer um prova.” Me esqueço como eles a chamam. É como uma tintura que fazem fluir pela artéria principal do coração, então eles vêm como vai dali a como entra no cérebro. Ele disse: “Se for um coágulo no cérebro, teremos que operar e tirá-lo.”

473 O levaram para cima e como que uma hora e meia mais tarde o desceram. Nos chamaram à sala. Ele disse: “Não pudemos encontrar nenhum coágulo de sangue.” Talvez eu esteja enganado, porém para meu conhecimento, ele disse: “O sangue não corria pela veia jugular.” Ele disse: “O cérebro de seu pai está inchando. Quando o cérebro tocar no crânio, este será o final.”

474 Ele disse: “Darei aqui um pouco de tempo para que possa inchar, e lhe darei medicamento para tratar de reduzir a inchação. As vezes trabalha, as vezes não.” Fizeram isto e ele viveu dois dias mais, como eles esperavam.

475 Na noite anterior a sua morte, nós estávamos cantando na sala de espera na unidade de cuidado intenso. Todos estávamos assentados fora, cantando e orando. Estava muito escuro. Creio que um dos irmãos mencionou esta última noite. Recordo que estávamos cantando, “Haverá luz no tempo da tarde.” Sabíamos que papai amou esse corinho.

476 Quando catávamos, o sol rompeu através das nuvens e o sol se parecia ao pilar de fogo que tantas vezes temos visto nas reuniões. Eu soube então que o tempo estava próximo.

477 Em 24 de Dezembro, nas véspera do natal, eu estava embaixo. O Irmão Pearry Green veio e disse: “O Dr. Hyde quer ver-te.” Isto não me alarmou porque ele não era o doutor principal de papai. Ele era um especialista em ossos. Assim sendo subi e ele disse: “Senhor Branham?” Respondi: “Sim senhor.” Ele disse: “Tenho notícias tristes para lhe dar, seu pai morreu às 5:49.”

478 Bem, vocês poderiam...Vocês sabem o que eu quero dizer. Assim que saí os irmãos estavam ali e eu lhes contei. Lhes disse, uma coisas recordo, ele me disse: “Se alguma vez ouvires que eu tenha morrido, tu te detenhas por um minuto e tires o chapéu e cantes uma estrofe do hino “Somente Crer.” Isto fizemos.

479 O Irmão Pearry Green disse que ele levaria o cadáver a Jeffersonville onde eu disse que se celebraria o enterro.

480 Tive que dizê-lo a mamãe e a Sara, as quais estavam ainda no hospital. Não lhes disse das lesões delas. Mamãe tinha uma perna quebrada e lesões na cabeça, e minha irmã Sara tinha a coluna lesada em vários lugares.

481 Quando lhes contei, elas disseram: “Regressaremos a Indiana.” Disse ao médico que elas queriam ir, assim sendo tratamos de preparar as coisas. A única maneira pela qual os médicos as deixaria ir conosco era conseguindo um avião-ambulância. O Irmão Moseley e os irmãos aqui estavam conosco. Eles conseguiram o

avião. Alugamos dois aviões e as trouxemos de regresso a Jeffersonville. Quando chegamos, elas foram internadas no hospital e nós fomos à funerária.

482 Quando eu olhei aquele cadáver, não se parecia com meu pai. Então eu pensei: “Ele não está aí.” Sei que por alguma razão eu pensei assim. Tivemos o serviço funeral na Quarta-feira, ao qual assistiu muita gente. Aqueles que não puderam vir enviaram seus pêsames e seu carinho, nós apreciamos isto deveras.

483 Sei que se tem perguntado, portanto creio que devo dizê-lo. Nós não temos enterrado a papai. Eu disse ao Senhor: “Senhor, se Tu me permitires terminar este culto fúnebre, isso será o que eu poderei fazer. Não posso entregá-lo à terra. Mamãe será quem tomará essa decisão.”

484 Fui à mamãe e ela me disse: “Não sei se quero morar em Tucson onde papai havia construído uma casa para nós.” (Eles pensavam em se mudar depois que regressássemos de Jeffersonville.) Ela me disse: “Não sei todavia onde desejo estar, porém onde eu estiver, quero que ele esteja também.”

485 Perguntei ao coronel (o qual é um bom amigo meu), se ele permitiria guardá-lo ali ou se eu poderia colocá-lo num ataúde ou algo assim sem entregá-lo à terra até que mamãe decidisse o que queria fazer. Ele me disse: “Eu quero muito e esse homem para fazer isso. O guardarei aqui na casa funeral. Quando vocês decidirem, então poderão ter o serviço.”

486 Até agora não sabemos, porém teremos que tomar uma decisão dentro das próximas semanas. Sabemos que mamãe tomará a decisão correta. Assim sendo, desejamos que vocês orem por nós.

487 Mamãe está em casa em Jeffersonville. Minha irmã ainda está no hospital. Ela pode andar porém não pode se assentar. Assim que puder se assentar então vamos trazê-la de volta a Tucson, a nossa casa aqui, ou onde o Senhor mandar.

488 Não sei como lhes dizer acerca do que vou ler para vocês agora, porém eu disse: “Senhor, não tenho falado muito antes, talvez algumas cinco ou seis palavras frente a uma congregação.” Quando o Irmão Williams me pediu para vir, eu lhe disse: “Irmão Carl, não posso sair para lá. Tantas vezes que tenho levado a essa velha plataforma, não posso fazê-lo agora, Irmão Carl.” Então pensei: “Bom, creio que não se agradaria dessa atuação.” Assim sendo, orei e vim.

489 O Irmão Williams me deu seu quarto aqui e como vocês sabem, papai sempre dizia: “Não posso tirar a Paul da cama.” Me agrada dormir até mais tarde. Porém de alguma maneira me despertei esta manhã às seis, o que é raro, e não pude tornar a dormir. Quando me despertei pensei: “Estou tão só sem papai.” Isto pode que não tenha muito sentido para vocês, porém gostaria de ler algo que me veio nesta manhã. Perdoem a maneira como leio as palavras, porém quero ler algo que foi um consolo para mim, a meu coração. Desejaria intitular isto, “Meu papai.”

MEU PAPAÍ

“Estou só, tão só pelo homem que chamei “meu papai.”

Pareceu como se todo o mundo terminasse quando eu perdi o melhor amigo que sempre tive.

Você agora pode me perguntar: “Por que estás tão triste?”

Porém por favor recorde, ele era meu papai.

Meu papai não está aqui comigo neste grande dia de recordação; eu sei que ele poderia haver estado,

porém, ele escolheu o caminho reto e apertado.

Ele nunca quis riqueza ou fama,

Porém só nos apontou o nome de Jesus.
Desejaria saber por que tinha que ser um acidente de automóvel,
Porém ele fez com que a Noiva fizesse um exame mais íntimo.
Ele não era um homem grande em estatura e voz,
Porém se você alguma vez o ouviu pregar,
Você sabe que ele era a eleição de Deus.
Sua natureza era gentil, ele nunca tratou de ofender.
Porém não era assim quando clamava contra o pecado.
Ele pregou uma grande mensagem intitulada: “Senhores, é este o
tempo?”

Então nos trouxe a Tucson a buscar a resposta de Deus.
Desejaria saber por que Deus lhe disse que fosse ao oeste,
Porém nunca disse nada, porque ele sempre me disse:
“Paul, Deus o sabe melhor.”
Ele me disse que não me preocupasse, porque Deus revela seus
modos de operar,

10:7.
Então veio a resposta, o mistério dos Sete Selos.
Para mim ele foi o mensageiro de Malaquias 4:5 e Apocalipse

E Deus soube melhor quando levou a meu papai.
A mensagem que ele trouxe veio direto com a Palavra.
Apesar de rejeitado, porém nenhum homem pôde lhe fazer
frente.

Eu amo a este profeta desta decadente geração.
Eu creio nesta mensagem, e por sua graça com ele me reunirei.”